Eu te amo, porra!

by Tifa Lockhart Valentine

Category: Brave, 2012, How to Train Your Dragon
Genre: Romance, Supernatural
Language: Portuguese
Characters: Hiccup, Merida
Status: Completed
Published: 2013-07-14 06:26:34
Updated: 2014-02-18 00:12:46
Packaged: 2016-04-26 15:33:58
Rating: T
Chapters: 8
Words: 14,889
Publisher: www.fanfiction.net
Summary: Ele sempre foi o motivo de risadas em sua cidade, ela buscava mudar seu destino. Os dois eram filhos dos lÃ-deres de suas cidades e viviam em mundos povoados de magia e seres extraordinÃ¡rios, mas a magia nÃ£o podia ser confiada. O que mais poderia acontecer de errado em suas vidas? / Mericcup, um pouco UA / Rate T pela linguagem e talvez hentai.

1. Viking?

Disclaimer: NÃ£o, a Merida e o SoluÃ§o nÃ£o sÃ£o meus. Obviamente. Se fossem eu seria a Disney e a Dreamworks. â€“q

**N/A: **JÃ¡ mencionei como eu amo desafios? Eu AMO desafios! Eles fazem meu sangue correr mais rÃ¡pido e me divirto muito tentando â€“ muitas vezes inutilmente â€“ escrever algo que deixarÃ¡ a pessoa feliz e satisfeita.

EntÃ£o Ã© ainda melhor quando o desafio foi proposto pela minha diva, Bubby-divs! Bubby, espero realmente que goste dessa pequena (?) fic!

Beijos!

Ã‰ um crossover, se ainda nÃ£o perceberam... Hehehe. No mundo de Valente.

SumÃ¡rio: Ele sempre foi o motivo de risadas em sua cidade, ela buscava mudar seu destino. Os dois eram filhos dos lÃ-deres de suas cidades e viviam em mundos povoados de magia e seres extraordinÃ¡rios, mas a magia nÃ£o podia ser confiada. O que mais poderia acontecer de errado em suas vidas?

-x-

Eu te amo, porra!

Enganara-se acreditando que havia se acostumado ao jeito maluco e desvairado do pai, que adorava, acima de tudo, uma boa luta â€“ como um bom escocÃªs. Talvez realmente tenha desejado que as coisas com sua mÃ£e tivessem dado certo, ainda tinha aqueles momentos em que apostava corrida a cavalo com a mÃ£e como um dos mais felizes de sua vida.

Mas, acima de tudo, lutou atÃ© o Ãºltimo instante para esquecer-se que era uma princesa e que tinha um dever a cumprir. E como odiava ter que se lembrar deste fato justo agora, justo quando os vikings se aproximavam e os quatro clÃ£s deveriam novamente se unir contra a ameaÃ§a que surgia diante deles.

NÃ£o, nÃ£o estava nem um pouco feliz.

- Merida, querida, jÃ¡ se passaram trÃªs anos.

- Eu sei...

- VocÃª foi cortejada e respeitada...

- Eu sei...

- E agora nÃ³s precisamos que vocÃª tome uma decisÃ£o, consegue entender?

- Eu sei! â€“ nÃ£o tivera a intenÃ§Ã£o de gritar, mas jÃ¡ tinha uma semana que sua mÃ£e repetia a mesma ladainha sem fim. â€“ MÃ£e, vocÃª realmente acha que eu nÃ£o entendo que devo tomar uma decisÃ£o?

Elinor levou as mÃ£os aos ombros de sua filha e a fitou atravÃ©s do espelho, tinha um sorriso triste nos lÃ¡bios.

- EntÃ£o o que a impede, filha?

A ruiva apenas jogou os braÃ§os para o alto, afastando-se da mÃ£e e aproximando-se da janela aberta. Podia ver a floresta ao longe, os muros do castelo que pareciam prÃ³ximos o bastante para tocar e, entre o castelo e a floresta, um mar de tendas das mais diversas cores, as fogueiras que cada clÃ£ mantinha acesa para se aquecer no inverno que se aproximava.

- Eu nÃ£o os amo, mÃ£e...

A voz da garota estava embotada de tristeza. O que poderia realmente fazer? O perigo era iminente, estava â€“ literalmente â€“ batendo em sua porta, nÃ£o poderia se dar ao luxo de esperar mais, poderia? Daria tudo para encontrar uma soluÃ§Ã£o, mas nÃ£o havia nenhuma. Devia escolher seu futuro marido e lutar contra os vikings.

- Talvez...

Sua mÃ£e tinha um vinco em sua testa, claro sinal de que estava pensando, talvez ela encontrasse uma soluÃ§Ã£o? Ela sempre encontrava afinal...

- Talvez..?

- Estava apenas pensando alto, querida.

- MÃ£e, o que foi?

- NÃ£o Ã© nada...

- Elinor! Por favor... me diga... â€“ e apelou para sua voz mais suplicante, o olhar de ursinho perdido, aquele leve tremor no seu lÃ¡bio â€“ Por favor?

Com um suspiro sua mÃ£e cedeu, balanÃ§ando a cabeÃ§a e ficando ao lado da filha, observando a preparaÃ§Ã£o dos clÃ£s.

- Talvez vocÃª possa esperar atÃ© o final da guerra..?

- Mas achei que isso poderia ser ruim... Um dos filhos poderiam morrer...

- Ã‰ apenas uma ideia. E, bem, se um deles morrer sÃ³ facilitaria sua escolha, nÃ£o?

- MÃ£e!

- Ã‰ sempre assim, Fergus pode fazer todas as piadas, mas quando eu faÃ§o... â€“ ela sorriu e se dirigiu Ã porta do quarto â€“ Pense no que eu disse, Merida, vocÃª pode deixar para se decidir depois da guerra.

Fechou a porta atrÃ¡s de si e Merida encarava o local onde sua mÃ£e estivera. Esperar atÃ© o final da guerra? Mas a guerra podia durar anos, podiam todos morrer, podiam perder! O que serÃ¡ que deu em sua mÃ£e?

Sorriu consigo mesma, nÃ£o conseguia se decidir, nÃ£o Ã© mesmo? Em um momento queria apenas uma soluÃ§Ã£o mais do que tudo, mas quando ela aparece comeÃ§ava a ter dÃºvidas se devia ou nÃ£o aceitar a saÃ-da proposta.

Parecia que finalmente crescera e tornara-se a dama que sua mÃ£e tanto sonhava.

Ou talvez apenas precisasse de alguns instantes na mata treinando seu arco e flecha com Angus. Ã‰, faria isso.

Desceu as escadas correndo, carregando consigo o arco e a aljava cheia de flechas. As empregadas e os guardas jÃ¡ estavam acostumados, apenas saindo do caminho da garota, mas pegar Angus e sair pelos portÃµes era outra histÃ³ria.

Seus pretendentes queriam acompanhÃ¡-la â€“ e ela devia reconhecer que melhoraram e muito em 3 anos -, mas precisava deste momento para si mesma. Precisava pensar e nÃ£o conseguiria isso com os trÃªs tentando impressionÃ¡-la de alguma forma.

E foi nesse momento que seus irmÃ£os surgiram, desafiando cada um deles para um duelo. Seria eternamente grata aquelas pestinhas. Sem perder um segundo instigou o cavalo a meio galope e correu para a _sua_ floresta.

Divertia-se enquanto atirava suas flechas, cada uma acertando em

cheio o centro do alvo, Angus mal precisava ser guiado, conhecia o caminho perfeitamente e sentia quando Merida o tocava com os joelhos, incitando-o a correr e a virar de tempos em tempos.

E ao se aproximar do Ãºltimo alvo, houve um estrondo, o chÃ£o tremeu sob seus pÃ©s e errou.

- Droga...

Angus batia os cascos no chÃ£o, nervoso, enquanto Merida desceu de seu flanco para recuperar a flecha caÃ-da prÃ³xima a Ã¡rvore Ã frente. Uma rajada de vento trouxe o cheiro de queimado ao seu nariz e levantou os olhos, intrigada.

- Fogo?

O cavalo continuava nervoso, relinchando e procurando em vÃ£o a origem do cheiro. A ruiva se aproximou e coÃ§ou seu pescoÃ§o ao montar. Havia uma linha de fumaÃ§a sobre a copa das Ã¡rvores e resolveu segui-la.

- Vamos, Angus, vamos descobrir o que estÃ¡ acontecendo.

Irritado, o cavalo seguiu aos comandos de sua dona, aproximando-se da origem do fogo, agora em silÃªncio, como se desconfiasse que algo ruim poderia acontecer. Merida agradecia a grama que recobria o chÃ£o da floresta, sabia que o perigo espreitava e a grama abafava o som dos cascos de Angus.

ApÃ³s alguns minutos, percebendo que estava prÃ³xima do fim das Ã¡rvores, resolveu que seria melhor deixar Angus e seguir Ã pÃ©. Seria mais silenciosa e teria uma melhor chance de se esconder sob os galhos baixos. O cavalo nÃ£o gostou de ser deixado para trÃ¡s, mas confiava em sua amazona.

- JÃ¡ volto, Angus, tenha paciÃªncia.

A garota seguiu com calma, evitando ao mÃ¡ximo fazer qualquer barulho enquanto se aproximava da prÃ³xima Ã¡rvore. Olhou com cuidado enquanto se escondia atrÃ¡s da Ã¡rvore e segurava o arco com uma flecha jÃ¡ pronta. Quase deixou o arco cair com o que viu.

Um grande lagarto negro e alado rolava na grama alta logo Ã frente. Segurou a respiraÃ§Ã£o e resolveu que jÃ¡ havia visto o suficiente, quando viu um rapaz com cabelos castanhos se levantar do chÃ£o prÃ³ximo Ã besta. O rapaz caminhava com certa dificuldade, mancando da perna esquerdae a besta abriu os olhos â€“ verdes â€“ e observava cada movimento do humano.

Ao perceber que o rapaz nÃ£o estava armado, Merida sai de seu esconderijo, apontando o arco para a besta.

- Cuidado!

Foi instantÃ¢neo. A besta que atÃ© entÃ£o apenas observava o rapaz virou-se para ela com os dentes Ã mostra e em posiÃ§Ã£o de ataque, estava pronta para atirar e se perguntando como pÃ´de ter sido idiota ao ponto de dar sua vida por um completo desconhecido. Ao menos nÃ£o teria mais que se preocupar em encontrar um marido... Quase riu de como sua mente funcionava nos seus Ãºlimos instantes e, antes de

soltar a flecha, percebeu que o rapaz se colocara entre si e o lagarto.

- Banguela! Pare com isso, garoto!

Mal podia acreditar. Esse _garoto_ estava chamando a besta por um nome? E um nome que nÃ£o fazia o menor sentido, visto que os dentes do lagarto brilhavam. Mais impressionante foi ver a besta fechando a boca, mas mantendo seu olhar preso na flecha.

- Banguela?

- Ele nÃ£o gosta muito de armas... SerÃ¡ que poderia..?

Ele nÃ£o estava pedindo para guardar a flecha, nÃ£o Ã©? O rapaz sorria confiante, como se estivesse exatamente onde queria estar, segurando a boca fechada do grande lagarto alado atrÃ¡s de si. Angus relinchava assustado atrÃ¡s de Merida e, contra todo o treinamento que teve, abaixou o arco, dando a benÃ§Ã£o da dÃºvida para o rapaz Ã sua frente.

- Obrigado. Ele costuma ser superprotetor comigo.

O lagarto praticamente ronronava, voltando a se esfregar no campo. A garota estava incrÃ©dula, o que estava acontecendo?

- Acho que devo agradecer a vocÃª, tambÃ©m. NÃ£o que eu precisasse ser protegido do Banguela, ele Ã© incapaz de fazer mal a uma mosca.

E enquanto o rapaz dizia isso a grande besta se joga em cima de um coelho, que nÃ£o conseguiu fugir rÃ¡pido o suficiente. ComeÃ§ou a se preocupar com Angus, se essa _coisa_ tentasse algo contra seu cavalo...

- Percebe-se...

- Ele apenas estÃ¡ com um pouco de fome, foi uma longa viagem afinal.

- Uma longa viagem..?

NÃ£o, sua sorte nÃ£o seria tamanha de, no primeiro instante que tinha um tempo para si mesma, se deparar com os vikings, nÃ£o Ã©? A roupa dele nÃ£o era muito diferente dos outros clÃ£s...

- Ã‰. CÃ©us, onde estou com a cabeÃ§a, meu nome Ã© SoluÃ§o, e o seu?

SoluÃ§o. Que tipo de nome era esse? Com certeza nÃ£o era de um dos outros clÃ£s. SerÃ¡ que saberia quem era? Deu de ombros.

- Sou Merida.

O rapaz sorriu. Deu um passo manco â€“ no lugar de sua perna havia uma perna de ferro â€“ para o lagarto e colocou a mÃ£o em sua pata.

- E esse dragÃ£o mal educado Ã© o Banguela. Desculpe se a assustamos.

Olhava desconfiada para os dois. Viu a sela nas costas do dragÃ£o e cruzou os braÃ§os.

- Sempre achei que os dragÃµes eram lendas.

NÃ£o era uma pergunta. Afirmava o que conhecia, mas sabia que podia estar errada. Se existia magia, por que nÃ£o criaturas fantÃ¡sticas como os dragÃµes? O rapaz simplesmente riu.

- Em Berk Ã© a Ãºnica coisa que temos certeza da existÃªncia.

- Maravilha!

Merida passou a mÃ£o incrÃ©dula pelo rosto e se virou para montar Angus. SoluÃ§o a encarava sem entender.

- O que houve?

Ela simplesmente virara as costas e antes de deixar a clareira disse.

- VocÃª Ã© um viking.

E com isso incitou o cavalo a meio galope, desaparecendo de vista em segundos. NÃ£o podia acreditar que eles tinham dragÃµes. DragÃµes! NÃ£o estavam preparados para algo assim. Como conseguiram se aproximar tanto sem que ninguÃ©m os visse? Precisava contar aos lÃ-deres de clÃ£s o que descobrira.

Com certeza nÃ£o acreditariam nela. Deixou que Angus ditasse a velocidade com que voltavam para casa e pensava no que havia se passado. Se aquele tal de SoluÃ§o guisesse podia ter feito o dragÃ£o matÃ¡-la ali mesmo, mas pelo contrÃ¡rio, ele fez com que o dragÃ£o _nÃ£o_ a atacasse. Se os vikings realmente quisessem dominar a EscÃ³cia o rapaz nÃ£o teria perdido a oportunidade de tomÃ¡-la como prisioneira, mas nÃ£o o fez, mal pareceu reconhecer seu nome.

SerÃ¡ que deveria contar ao pai o que viu? SerÃ¡ que estava se superestimando? Ou serÃ¡ que o rapaz simplesmente deixara que ela fosse embora? NÃ£o tentou segui-la, afinal.

Ã“timo. Fora para a floresta para esquecer-se de seus problemas e apenas voltou com mais alguns.

-x-

**N/A: **Originalmente essa fic seria postada de uma vez sÃ³ (e sem esse tÃ-tulo), mas como a vida Ã© bela, a fic estÃ¡ atualmente com 12 pÃ¡ginas e nÃ£o se aproximando do meio, resolvi dar este tÃ-tulo e, com a permissÃ£o da Buba (Tothless ou Pinguim Sensual-q), dividÃ--la em capÃ-tulos.

Espero que gostem, Ã© minha primeira fic com o universo de Valente e Como Treinar seu DragÃ£o, minha primeira Mericcup (minha alma Jarida sofre enquanto eu a escrevo, mas sÃ³ um pouco) e quero deixar claro que Ã© o SoluÃ§o de Como Treinar seu DragÃ£o 2. Prometo dar mais detalhes sobre ele mais pra frente, para isso ficar bem claro. Hehehe.

E Ã© isso.

Deixem seus recados com crÃ-ticas e sugestÃµes.

Beijo da tia Tifa (ou Papai Pinguim-q)

2. Batedores

Batedores

Merida retornou ao castelo DunBroch, sorriu para seus pretendentes e deixou Angus em sua baia. Respirando fundo entrou no salÃ£o onde seus pais e os lÃ-deres dos clÃ£s se encontravam.

- Onde estava, Merida?

Com o rosto impassÃ-vel a garota se sentou ao lado da mÃ£e.

- Treinando, pai.

- Sua filha estÃ¡ certa! Mandarei que (pretendente gay) treine com vocÃª, Merida.

- Tenho certeza que ela gostarÃ¡ mais de treinar com o (pretendente burro), afinal foi ele que ganhou o desafio de clÃ£s hÃ¡ trÃªs anos.

- Tecnicamente quem venceu o desafio fui eu. â€“ Sabia que deveria ficar calada, mas quando os trÃªs lÃ-deres comeÃ§avam a discutir o seu futuro, se irritava. Muito.

- Vamos agora. Todos sabem que ela prefere a companhia do (pretendente gordo).

E amava ainda mais quando era ignorada. Virando os olhos esperou que seu pai tomasse alguma atitude. Fergus riu alto e colocou as mÃ£os â€“ com um baque surdo â€“ sobre a mesa, Elinor sorria e Merida fingia que nÃ£o era com ela.

- NÃ£o briguem irmÃ£os, ela logo decidirÃ¡ com quem treinarÃ¡ com frequÃªncia.

Antes que mais algum comentÃ¡rio desnecessÃ¡rio fosse feito, a ruiva resolveu que jÃ¡ passara da hora de mudar de assunto.

- Pai, como estÃ£o organizados os batedores? JÃ¡ sabemos onde os vikings estÃ£o?

Tinha medo da resposta. Temia que encontrassem SoluÃ§o, mas sabia que isso nÃ£o fazia sentido. SerÃ¡ que era o medo de que o dragÃ£o-banguela fizesse algo contra um de seus conterrÃ¢neos?

Estavam diante de um mapa da regiÃ£o, jÃ¡ demarcado com o local onde as tropas escocesas se encontravam.

- Ainda nÃ£o. Acredito que os vikings terÃ£o muita dificuldade em transpor as florestas que circundam o castelo. A nÃ£o ser que venham pelo mar, e entÃ£o estarÃ£o completamente visÃ-veis.

Ou se vierem pelo ar, e entÃ£o nÃ£o teremos nenhuma chance. Merida apontou para a floresta depois de observar o mapa por algum tempo.

- PorÃ©m, se eles tiverem tempo o suficiente poderÃ£o usar a floresta para se aproximarem sem que os percebamos.

O silÃªncio caiu na sala. Parecia, como vÃ¡rias vezes jÃ¡ havia percebido, que os lÃ-deres dos clÃ£s â€“ seu pai incluso â€“ se sentiam melhor quando o assunto era lutar, nÃ£o planejar.

- Ela estÃ¡ certa, Fergus.

- Por que nÃ£o organizamos os batedores como Merida disse?

Fergus coÃ§ou a sua barba r observou os pontos onde deveria mandar batedores. Pensava em quem deveria mandar, os escoceses gostavam de aÃ§Ã£o, nÃ£o de procurar rastros, alÃ©m do que nÃ£o havia muitos escoceses que conhecessem tÃ£o bem aquela floresta.

- Pai?

Merida chama seu pai delicadamente, parecia perceber perfeitamente o que se passava por dentro da mente dele. Fergus levantou o olhar para a filha.

- Posso liderar os batedores?

Todos sabiam que a garota seria a escolha perfeita, mas havia algo no olhar do ruivo que o impedia de tomar essa decisÃ£o.

- Fergus, vamos, vocÃª sabe que ela conhece a floresta melhor do que ninguÃ©m.

Ã€s vezes Elinor agia de forma estranha. Quem diria que ela Ã© a mesma Elinor que nÃ£o queria ver sua filhinha com um arco. As coisas realmente mudaram para ser ela a pessoa que insistia em mandar Merida para o perigo iminente.

- EstÃ¡ bem, Merida, os batedores sÃ£o sua responsabilidade. Tome cuidado.

Com isso a garota sorriu e quebrou o protocolo da reuniÃ£o dando um abraÃ§o no pai.

- Obrigada, pai! NÃ£o vou decepcionar vocÃªs!

Ficou definido que Merida, os trÃªs filhos dos clÃ£s e mais alguns escoceses seriam os batedores, sendo que a garota lideraria o grupo. A ruiva saiu correndo da sala, pensando em como faria para liderar os batedores, ao entrar em seu quarto, posicionou-se em frente ao espelho e encarou seus olhos. Seu reflexo parecia mais pÃ¡lido que o normal e tinha um olhar perdido.

- O que vocÃª estÃ¡ pensando em fazer, Merida?

O reflexo nÃ£o lhe deu respostas, entÃ£o deitou-se em sua cama e deixou que seus pensamentos vagassem para o encontro que teve na floresta e o que â€“ diabos â€“ faria caso encontrasse o viking e seu dragÃ£o novamente.

O sono lhe veio como um velho amigo, permitindo que descansasse por toda a noite sem nenhum sonho para incomodÃ¡-la. Acordou revigorada e com um plano quase totalmente traÃ§ado. Vestiu-se, tomou o arco em mÃ£os, encontrou um mapa das redondezas que nÃ£o estivesse sendo usado e saiu para encontrar os batedores. Seus batedores.

- Bom dia batedores, vamos ao plano.

Evitou manter contato visual com os trÃªs filhos e comeÃ§ou a explicar seu plano, onde cada um dos batedores deveria se posicionar e qual seÃ§Ã£o da floresta iriam explorar. Ficou decidido que de 3 em 3 horas iriam se encontrar na clareira dos marcos para passarem as informaÃ§Ãµes entre si e de onde um dos lutadores de seu pai iria manter os lÃ-deres informados do que descobrissem.

Obviamente selecionou para si a parte da floresta onde encontrara com o viking, esperando â€“ talvez ansiosamente â€“ que ele continuasse no mesmo lugar, mesmo sabendo que a possibilidade nÃ£o seria lÃ¡ tÃ£o grande, afinal seu dragÃ£o voava. Ã€s vezes se parabenizava pelo plano com tamanha possibilidade de falhas, mas era a Ãºnica coisa que poderia fazer, alÃ©m de esperar que nenhum outro batedor encontrasse com os vikings antes.

- Entenderam?

Recebeu confirmaÃ§Ãµes de todos e cada um montou seu cavalo â€“ menos o (pretendente gordo) que nÃ£o gostava de cavalos (e o sentimento era recÃ-proco) â€“ e partiu para sondar a sua Ã¡rea. Angus jÃ¡ parecia saber para onde ia, batendo os cascos e resfolegando a cada metro ganho.

- Vamos, Angus. VocÃª consegue ser mais silencioso que isso.

O cavalo pareceu relinchar â€“ de irritaÃ§Ã£o â€“ e continuou com mais calma e silencioso. Seguia pelo mesmo caminho no qual treinava com seu arco, porÃ©m hoje nÃ£o seria apenas pelo ar lÃºdico da coisa. Sabia que poderia estar entrando em uma armadilha, ou talvez apenas se arriscando Ã toa.

Ao se aproximar do local onde encontrara o tal SoluÃ§o, respirou fundo e certificou-se que seu arco estava armado e tinha flechas de sobra em sua aljava. Contrariando toda a cautela usada atÃ© entÃ£o, comandou que Angus se aproximasse da linha limite de Ã¡rvores e saiu no gramado, a marca de onde o dragÃ£o deitou no dia anterior ainda visÃ-vel.

Apeou do cavalo e procurou por algum tempo algum tipo de trilha que pudesse seguir, mas, como havia previsto, nÃ£o havia nenhuma. Nenhum sinal de movimentaÃ§Ã£o â€“ fora dos passos dados por ela e pelo viking â€“ alÃ©m da presenÃ§a nÃ-tida do dragÃ£o. Sentou-se no meio do gramado, observando a vista â€“ a cachoeira de fogo bem prÃ³xima â€“ e resolveu que talvez, apenas talvez, devesse aceitar que eles nÃ£o apareceriam ali e continuar com seu trabalho.

ApÃ³s alguns minutos â€“ que para ela pareceram segundos â€“ decidiu que iria subir ao topo da cascata de fogo. JÃ¡ fizera aquilo por incontÃ¡veis vezes e sabia que Angus se manteria prÃ³ximo Ã cascata, provavelmente reprovando sua atitude, e beberia Ã¡gua o suficiente para descansar seus mÃºsculos.

Estava se aproximando do topo quando percebeu uma mancha em sua visÃ£o perifÃ©rica. SÃ³ podia ser sua sorte mesmo, esperava que conseguisse terminar a subida e que nÃ£o fosse atacada antes do final do percurso.

- Wow! VocÃª Ã© mesmo corajosa, Merida.

O timbre rouco do viking lanÃ§ou um arrepio por seu corpo, que logo foi creditado ao vento e Ã Ã¡gua que caÃ-a Ã sua volta. A garota apenas sorriu com o elogio e esperou que o dragÃ£o pousasse ao seu lado.

- Eu nÃ£o tentaria subir essa rocha mesmo se tivesse minhas duas pernas.

Com um suspiro a ruiva deixou as armas no chÃ£o e se sentou, esperando que o cavaleiro descesse de seu dragÃ£o. Assim que se viu sem seu domador, Banguela se jogou no ar e se aproximou perigosamente de Angus.

- Ele nÃ£o farÃ¡ mal ao meu cavalo, nÃ£o Ã©?

SoluÃ§o lanÃ§ou um olhar preocupado para os dois, mas sorriu e acentiu com a cabeÃ§a.

- NÃ£o. Ele sabe que para vocÃª, o cavalo Ã© seu dragÃ£o.

NÃ£o que a frase realmente fizesse sentido, mas acalmou o coraÃ§Ã£o da garota. Ficaram entÃ£o se encarando por algum tempo, enquanto ouviam o som calmante da cascata e cavalo e dragÃ£o se "comunicarem".

Merida estava ansiosa por encher o viking de perguntas, mas estava decidida a esperar. Quem ficasse mais tempo calado teria o comando daquela conversa.

- EntÃ£o...

O que aparentemente nÃ£o passara pela cabeÃ§a do viking. SerÃ¡ que ela realmente deveria estar ali, tentando conversar com o inimigo?

- EntÃ£o?

O rapaz coÃ§ou a cabeÃ§a, nitidamente tÃ-mido, e continuou.

- Por que escalou a pedra?

NÃ£o seria sua primeira escolha de pergunta, mas deu de ombros e apontou para o horizonte.

- Digamos que eu gosto da vista.

A boca de SoluÃ§o se abriu um pouco, incrÃ©dulo.

- VocÃª arrisca a sua vida subindo nesse mÃ-sero pedaÃ§o de pedra apenas pela vista?

Merida sorriu de canto e apontou as nuvens.

- Ã‰ uma vista e tanto.

Eles trocaram um sorriso e o viking nÃ£o pÃ´de deixar de contar â€“ um pouquinho â€“ de vantagem.

- NÃ£o se compara com voar em um dragÃ£o.

E como se fosse a deixa, Banguela deu um rasante sobre eles, batendo na Ã¡gua da cascata e os molhando.

- Imagino... â€“ Ela respirou fundo, seria muito arriscado perguntar o nÃºmero de vikings, ou quantos tÃªm dragÃµes? Ela sÃ³ podia supor, mas antes que pudesse perguntar algo foi interrompida pelo rapaz.

- Eu poderia te mostrar.

A garota encarava o sorriso calmo do viking incrÃ©dula. Seria algum tipo de plano? Estava desconfiada praticamente da sua prÃ³pria sombra, mas o rapaz transmitia uma paz, uma seguranÃ§a que a estava â€“ lenta e paulatinamente â€“ desarmando.

Queria mais que tudo aceitar, voar parecia simplesmente maravilhoso! Mas tinha receio, sabia que tudo poderia ir por Ã¡gua abaixo â€“ literalmente â€“ caso tomasse alguma decisÃ£o precipitada.

Respirou fundo e levantou o olhar sÃ©ria para SoluÃ§o.

- VocÃª... Realmente nÃ£o tem medo de que eu seja sua inimiga?

Ele deu de ombros e apenas a encarou sorrindo de canto.

- NÃ£o Ã© como se vocÃª fosse a princesa da EscÃ³cia, nÃ£o Ã© mesmo?

Sentiu um leve tom de ironia nas palavras dele, mas nÃ£o pÃ´de evitar rir, recebendo um olhar divertido do viking, Merida suspirou.

- EntÃ£o vocÃª sabe quem eu sou...

O vento bateu em seu rosto, levantando seu cabelo por todos os lados. Mal percebeu o toque da mÃ£o de SoluÃ§o em seus cabelos.

- NÃ£o tinham dito que era tÃ£o...

Seus olhares se cruzaram e se sustentaram por um tempo indefinido. O dragÃ£o soltou um rosnado, tirando o casal de seu momento hipnÃ³tico.

Merida levantou os olhos para o sol e soltou um palavrÃ£o.

- Estou atrasada.

A garota apenas se levantou e comeÃ§ou a descida. Banguela sobrevoou a pedra, buscando SoluÃ§o e planando ao lado de Merida.

- Carona?

- NÃ£o, obrigada.

Logo chegaram ao chÃ£o e Merida montou Angus, preparando-se para

correr.

- Espere!

A voz ansiosa do viking a fez olhar para trÃ¡s.

- Quando eu a verei novamente?

Deu de ombros.

- AmanhÃ£, talvez.

O sorriso que o rapaz lanÃ§ou, balanÃ§ou seu coraÃ§Ã£o, mas ignorou.

- AtÃ© amanhÃ£, princesa.

Durante todo o percurso atÃ© a clareira dos antigos deuses permaneceu pensando no que ocorrera. O que foi aquele aperto em seu peito? NÃ£o estaria se tornando muito amigÃ¡vel com o viking, estaria?

Aproximando-se da clareira fez Angus diminuir o passo, ainda mais preocupada do que o normal. O que diria se questionassem o seu atraso? Respirou fundo e adentrou a clareira, percebendo ser a Ãºnica ali. Estaria tÃ£o atrasada que a reuniÃ£o jÃ¡ ocorrera?

Mal pÃ´de conter sua alegria e alÃ-vio quando ouviu os cascos dos cavalos se aproximando da clareira. Observou quando os seus batedores adentraram a clareira e se aproximaram. Nenhum vira nada de diferente, apenas os animais da floresta, um ou outro Will'o'Wisp, mas nenhum deles teve a coragem de segui-los.

- Certo, Grizel, por favor, leve o que encontramos para nossos lÃ-deres.

A garota loira acenou com a cabeÃ§a e se dirigiu Ã fortaleza DunBroch. Enquanto os batedores â€“ e cavalos â€“, cansados, se dirigiram com calma para o acampamento. Agradecia aos deuses por nÃ£o ter se entregado, nÃ£o ter perdido a reuniÃ£o e por ninguÃ©m desconfiar de nada.

3. MaldiÃ§Ã£o

MaldiÃ§Ã£o

Os dias se seguiam sempre da mesma forma. Os batedores se encontravam na clareira, partiam para cada parte da floresta, Merida iria para a cascata de fogo e aguardaria a chegada de SoluÃ§o e Banguela, conversariam por um tempo, desafiariam-se em algum tipo de luta, discutiriam o tamanho de suas florestas, do mar, contariam algumas histÃ³rias e, quando chegava a hora, separavam-se, cada qual seguindo o seu caminho.

JÃ¡ estava acostumada a chegar na clareira e encontrar os batedores sempre com as mesmas falas, ninguÃ©m encontrara nenhum viking, mesmo expandindo a Ã¡rea de busca. Estavam comeÃ§ando a se cansar da rotina, mas obedeceriam as ordens dos lÃ-deres e da princesa.

ApÃ³s uma semana, Merida jÃ¡ nÃ£o se preocupava que seus batedores encontrassem algo. Aparentemente, pela direÃ§Ã£o que SoluÃ§o sempre aparecia, eles estavam longe, muito depois do antigo castelo de Mor'du.

Um arrepio percorria sua espinha sempre que se lembrava de Mor'du, mas jÃ¡ se passaram 3 anos. Seu aniversÃ¡rio de 19 anos se aproximava e com ele a decisÃ£o de quem seria seu futuro marido.

Estava estressada. Antes de sair do castelo para continuar sua rotina diÃ¡ria como batedora â€“ ninguÃ©m desconfiava que estava, na verdade, se encontrando com um viking â€“ seus pais e os lÃ-deres dos clÃ£s reuniram-se com seus filhos e vieram lembrÃ¡-la que logo o dia chegaria e que a escolha deveria ser feita.

- Isso Ã© tÃ£o injusto! â€“ Estava com tanta raiva que ignorou, pela primeira vez, a cascata e ficou apenas atirando com seu arco em um alvo improvisado.

A raiva era palpÃ¡vel ao seu redor, suas flechas acertavam o centro do alvo e jÃ¡ partira flechas sem conta. Ignorava o mundo ao seu redor e apenas atirava, tentando â€“ em vÃ£o â€“ tirar todo o Ã³dio de dentro de si.

Sabia o que aconteceria caso nÃ£o conseguisse se acalmar, entÃ£o lutava contra o Ã³dio dentro de si. Lutava porque nÃ£o queria â€“ nunca â€“ repetir o que aconteceu hÃ¡ 3 anos.

- VocÃª parece nervosa hoje, Rida...

A voz levemente rouca de SoluÃ§o fazia milagres em Merida. Ela sabia que isso sÃ³ podia significar uma coisa: estava gostando do rapaz. Virou-se, ainda sÃ©ria e observou o rapaz descer de seu dragÃ£o. Sempre se impressionava com a armadura de couro que ele usava â€“ e agradecia a todos os deuses sempre que ele tirava aquele capacete horroroso, revelando um rosto que sÃ³ podia ser caracterizado como lindo.

- Digamos que estou irritada.

E seu sorriso brotou facilmente em seus lÃ¡bios. Ah, o sorriso do rapaz. Derretia o coraÃ§Ã£o da garota em segundos, mas ela nunca assumiria isso para ele.

- Desculpe a demora, princesa, mas nÃ£o consegui vir mais cedo...

A garota finalmente sorriu e sentou-se, escorando as costas na Ã¡rvore atrÃ¡s de si.

- E Ã© claro que meus problemas todos giram em torno de vocÃª, nÃ£o Ã©, viking?

- E nÃ£o giram, escocesa?

Sem conseguir se conter, deu uma gargalhada enquanto SoluÃ§o sentava-se ao seu lado. Banguela e Angus, apÃ³s todo esse tempo, criaram uma certa amizade e estavam, no momento, rolando na grama. Os donos ficaram em silÃªncio, apenas observando a amizade â€“ talvez dita impossÃ-vel â€“ entre seus animais. O moreno se aproximou um pouco mais da ruiva, encostando seu ombro no dela e empurrando-a de

leve.

- E entÃ£o? Quer me contar o que aconteceu?

A garota permaneceu por alguns instantes em silÃªncio, nÃ£o era um assunto que ansiasse por compartilhar com alguÃ©m, ainda mais com SoluÃ§o, mas... Sentia ainda um resquÃ-cio do Ã³dio fervilhando em seu peito, e antes que pudesse perceber estava contando a histÃ³ria que sua mÃ£e vivia repetindo: a lenda dos quatro irmÃ£os.

Enquanto contava a histÃ³ria lembrou-se de Mor'du, sentiu o arrepio que sempre percorria seu corpo e, estranhamente, sentiu-se segura. SoluÃ§o permaneceu em silÃªncio durante toda a histÃ³ria, mas segurou a mÃ£o de Merida em algum momento e nÃ£o a soltou mais.

- E isso significa que eu nÃ£o posso tomar a minha decisÃ£o egoÃ-sta, mesmo que seja a Ãºnica coisa que eu realmente queira...

SoluÃ§o apertou a mÃ£o de Merida e a fez levantar o rosto para ele.

- Sei que Ã© uma histÃ³ria importante para vocÃªs, mas nem sempre vocÃª deve se deixar guiar por histÃ³rias. â€“ Ele deu um sorriso de canto enquanto observava os olhos claros de sua companheira â€“ Existem momentos em que deve escrever sua prÃ³pria histÃ³ria.

Ela nÃ£o conseguiu deixar de sorrir e acariciar a mÃ£o que segurava a sua.

- VocÃª diz isso, mas nÃ£o sabe quais sÃ£o as implicaÃ§Ãµes dos meus atos. NÃ£o sabe o que eu fiz... O que eu devo fazer...

- Mas sei que Ã© uma pessoa formidÃ¡vel, corajosa, bela e decidida. NÃ£o hÃ¡ motivos para temer tomar as rÃ©deas de sua vida.

Um leve rubor tomou as bochechas de Merida enquanto ela observava SoluÃ§o. O rapaz, talvez decidido a mostrar que ela podia escrever sua prÃ³pria histÃ³ria, comeÃ§ou a contar como comeÃ§ou sua carreira como treinador de dragÃµes. Quem diria que os vikings pudessem criar laÃ§os com os seres que mais odiavam? SerÃ¡ que isso podia significar que eles tinham uma chance?

Calma... Eles? Quem eram eles? Ela jÃ¡ estava considerando que eram um casal? Como podia pensar em algo tÃ£o insano assim, sendo que ele nunca se mostrou nada mais do que um perfeito cavalheiro? Ela nÃ£o poderia comeÃ§ar a analisar demais os pequenos atos dele, o motivo pelo qual ele gostava de segurar sua mÃ£o ao se sentarem juntos, ou de como ele sorria de canto, ou talvez como olhava dentro dos olhos toda vez que conversavam. NÃ£o... Ela nÃ£o podia ler demais nesses atos porque SoluÃ§o era um perfeito cavalheiro. Viking, mas ainda cavalheiro.

- Rida?

- Eles querem que eu escolha um marido!

A garota tapou a boca com a mÃ£o e desviou o olhar. NÃ£o conseguia encarar os olhos verdes arregalados de seu amigo. SoluÃ§o permaneceu sem reaÃ§Ã£o, apenas encarando a garota enquanto ela se levantava e se aproximava de Angus, que percebendo o estado em que ela se

encontrava se levantou e relinchou baixinho.

Ela estava se odiando. Por que, pelos deuses, por que ela tinha que ter falado justo isso para SoluÃ§o? Ele nÃ£o tem nada a ver com o seu problema, e nÃ£o Ã© como se ele pudesse encontrar uma soluÃ§Ã£o, nÃ£o Ã© mesmo? Era esperar demais que um rapaz gentil, bonito, inteligente, cavalheiro e forte tenha se apaixonado por ela em questÃ£o de dias.

Sentia as lÃ¡grimas comeÃ§arem a queimar em seus olhos. NÃ£o podia se permitir chorar na frente dele, nunca se perdoaria se fizesse isso. Angus cutucou seu ombro e abraÃ§ou o pescoÃ§o do cavalo, preparando-se para montar, fugir e nunca mais se encontrar com o viking, quando sentiu seu corpo ser envolvido em um abraÃ§o apertado.

- Fuja comigo.

Merida nÃ£o podia acreditar nas palavras que ouvia. Tinha certeza que era a voz de SoluÃ§o, nunca poderia confundÃ--la. Ele estaria mesmo..?

- VocÃª nÃ£o precisa ficar aqui, nÃ£o precisamos ir pra frente com essa guerra. â€“ Ele exalava confianÃ§a â€“ Fuja comigo.

- SoluÃ§o... Aqui Ã© a minha terra, minha famÃ-lia... â€“ Sua voz estava rouca pelo esforÃ§o para nÃ£o chorar â€“ Meu lar. NÃ£o posso simplesmente fugir.

SoluÃ§o a fez encarÃ¡-lo, estava sÃ©rio, como nunca antes Merida o tinha visto.

- E vocÃª quer que eu fique parado enquanto vocÃª se casa com algum idiota?

Aquelas palavras fizeram com que o coraÃ§Ã£o da ruiva se despedaÃ§asse. Por que os deuses eram tÃ£o cruÃ©is? Por que a fizeram se apaixonar pelo seu inimigo?

- Obrigada... â€“ Havia um sorriso por entre as lÃ¡grimas que corriam pelo rosto da garota â€“ Eu ansiava por escutar essas palavras...

Eles se abraÃ§aram fortemente, Merida entrelaÃ§ou suas mÃ£os atrÃ¡s do pescoÃ§o do rapaz e acariciou delicadamente seus cabelos. Os olhos verdes encaravam os azuis e sentiam o coraÃ§Ã£o disparado. A respiraÃ§Ã£o dos dois se tornou rÃ¡pida, ofegante, nÃ£o conseguiam mais segurar o que sentiam.

Os lÃ¡bios se aproximaram vagarosamente, quase lento o suficiente para machucar diante de tanto desejo, quando se tocaram o beijo foi inocente, delicado e curioso. SoluÃ§o envolveu a cintura da ruiva e apertava-a contra seu corpo. Seus lÃ¡bios se encaixavam perfeitamente, logo suas lÃ-nguas comeÃ§aram a se tocar, explorando a boca um do outro, tentando com afinco transmitir todo o amor, o desejo e a paixÃ£o desenfreada que sentiam um pelo outro.

AtÃ© que um rugido foi ouvido na clareira.

Uma garota loira, vestida para a guerra pousou seu dragÃ£o prÃ³ximo

de Banguela, correu para o casal e puxou os cabelos de Merida.

- EntÃ£o Ã© isso que vocÃª faz sempre que some, SoluÃ§o?! Fica aos beijos com qualquer escocesinha de meia tigela?!

Era possÃ-vel palpar a raiva da garota. Seu dragÃ£o rugia enquanto encarava Banguela, como se o desafiasse a fazer alguma coisa. Angus havia empinado e correu para a floresta.

- Astrid, largue a Merida!

Os olhos de Astrid se arregalaram ao reconhecer o nome da garota.

- VocÃª tem se atracado com a princesa?! SoluÃ§o! Sabe que temos ordens para capturar a famÃ-lia real.

- Eu nunca concordei com essa guerra, Astrid. NÃ£o importa o que vocÃª, a vila ou meu pai digam. Eu nÃ£o deixarei que vocÃª a machuque.

Astrid foi tomada por um Ã³dio que nunca sentira antes. Soltou os cabelos de Merida apenas para entrelaÃ§ar suas mÃ£os no pescoÃ§o da garota e comeÃ§ar a apertar, esganando-a.

- Veremos o que farÃ¡ sobre isso. â€“ E antes que SoluÃ§o pudesse fazer algo ela o encarou e disse em voz alta â€“ Se eu nÃ£o posso tÃª-lo, ninguÃ©m pode!

Merida sentia que logo perderia a consciÃªncia. Seus pulmÃµes nÃ£o estavam recebendo o ar que necessitavam para manter sua mente funcionando, a besta sobre controle. Sem conseguir pensar em mais nada apenas sussurrou uma palavra enquanto encarava SoluÃ§o.

- ...Fuja...

SoluÃ§o sacou sua adaga, tentando entender o que Merida disse e afastar Astrid da ruiva, mas o dragÃ£o da loira se interpÃ´s entre ele e sua treinadora. Banguela rosnava perigosamente para o dragÃ£o, porÃ©m dragÃµes sÃ£o dedicados apenas aos seus treinadores, eles fariam tudo o que pudessem para salvar e proteger aqueles que eram seus companheiros.

Merida jÃ¡ nÃ£o conseguia raciocinar, tentava em vÃ£o soltar as mÃ£os que seguravam seu pescoÃ§o. Podia sentir o Ã³dio animal se espalhando por todo o seu corpo, a dor caracterÃ-stica da transformaÃ§Ã£o a fez soluÃ§ar e apenas esperava que SoluÃ§o nÃ£o se machucasse.

Sentiu quando seus ossos comeÃ§aram a se alongar e tornar-se mais fortes, os mÃºsculos cresceram e seus olhos azuis, meigos e cheios de vida, tornarem-se nublados pelo desespero e Ã³dio, esquecendo-se de sua parte humana e tornando-se um grande urso marrom sanguinÃ¡rio.

Sem esperar que a loira entendesse o que aconteceu o urso rugiu, jogando-a nas Ã¡rvores mais atrÃ¡s. Os dragÃµes se descontrolaram, Banguela nÃ£o sabia se atacava ou protegia SoluÃ§o, o outro dragÃ£o tentou morder o urso, mas o mamÃ-fero foi mais rÃ¡pido, dando uma patada com forÃ§a o suficiente para que o dragÃ£o acompanhasse sua treinadora e voasse nas Ã¡rvores.

Os olhos azuis do urso nÃ£o denotavam reconhecer ninguÃ©m, atacando dragÃµes, humanos e tudo o que havia por perto. Angus entrou cavalgando na clareira, seguido de perto pelo (pretendente gay), que nÃ£o conseguia acreditar em seus olhos.

- Merida!

Banguela soltou seu ataque na boca do dragÃ£o de Astrid, fazendo com que dragÃ£o e treinadora sumissem em direÃ§Ã£o ao acampamento viking. SoluÃ§o nÃ£o deu um passo para montar seu dragÃ£o, que o encarava sem acreditar, apenas encarando o urso que se aproximava rugindo e atacando o chÃ£o Ã sua frente.

- Merida?

O (pretendente gay) galopou atÃ© o moreno, tirando-o do caminho de Merida. O urso correu entÃ£o para a floresta e os dois rapazes ficaram se encarando.

- Sugiro que vocÃª vÃ¡ embora, viking.

- O que aconteceu com Merida?

O (pretendente gay) suspirou e encarou o caminho que Merida havia tomado. Precisava alcanÃ§Ã¡-la antes que ela se acalmasse o suficiente para voltar ao normal. Voltou o olhar para SoluÃ§o e suspirou novamente.

- HÃ¡ 3 anos, Merida amaldiÃ§oou sua mÃ£e, tentando fugir de suas obrigaÃ§Ãµes. Quando ela conseguiu quebrar a maldiÃ§Ã£o todos acreditamos que as coisas voltariam ao normal, mas a maldiÃ§Ã£o voltou-se contra ela. â€“ Sabia que estava contando apenas o necessÃ¡rio para que o viking entendesse, mas sabia o que ele significava para Merida, jÃ¡ os tinha visto juntos â€“ Sempre que ela se descontrola com raiva ou quando Ã© atacada, Merida transforma-se em urso.

O rapaz montado em seu cavalo e Angus seguiram o caminho feito pelo urso, deixando na clareira um rapaz incrÃ©dulo e seu dragÃ£o. O que aconteceria agora, sÃ³ os deuses poderiam saber.

4. Desespero

Desespero

O urso correu pela floresta, nÃ£o aparentava ter um objetivo, mas aos poucos a consciÃªncia humana conseguia guiar os passos da besta atÃ© o cÃ-rculo de pedras â€“ o lugar mais seguro para ele no momento. A cada passo dado em direÃ§Ã£o ao cÃ-rculo de pedras a garota podia se sentir mais em controle do corpo descomunal do animal.

Seus passos vacilaram, nÃ£o conseguia acreditar que atacara SoluÃ§o, que dera lugar para o monstro e que agora nada mais poderia impedir a guerra. NÃ£o acreditava que beijara o viking, que o que sentia era correspondido. Como poderia encontrÃ¡-lo novamente? NÃ£o conseguia pensar em como conseguiria se forÃ§ar a encarar o (pretendente gay), quanto mais encarar SoluÃ§o, agora que ele vira o monstro dentro de si.

Recostou-se contra uma das pedras â€“ a pedra que matara Mor'du â€“ e cobrira sua cabeÃ§a, rugindo de dor e tristeza. NÃ£o havia mais nada a fazer, nÃ£o havia futuro. Desejava nada alÃ©m de que seu desespero chegasse ao fim. E mais uma vez se perguntou porque nÃ£o acabava com tudo, porque continuava tentando.

Ouviu os cascos de cavalos ao longe e nÃ£o conseguiu impedir que a besta rugisse, irritada, apenas esforÃ§ou-se para mantÃª-la quieta, esperando que seu coraÃ§Ã£o se acalmasse o suficiente para voltar ao normal. Encarou com seus olhos azuis a entrada de Angus e o (pretendente gay) na clareira, seguidos pelos outros cavaleiros que se assustaram com a presenÃ§a do urso ali.

O (pretendente gay) se aproximou do urso, trazia um tipo de lenÃ§ol que jogou sobre os ombros do animal. Novamente as patas do animal cobriram sua cabeÃ§a e soluÃ§os irromperam pela sua garganta. Vagarosamente sua transformaÃ§Ã£o se revertia e sentia as lÃ¡grimas deixando seus olhos. Tudo o que nÃ£o queria era ter que explicar o que acontecera, encarar os olhos do (pretendente gay) e perceber que nÃ£o havia uma saÃ-da para seu futuro.

- O que houve com a Merida?

Sem tirar os olhos da garota-urso, o (pretendente gay) respondeu com a voz clara.

- Ela encontrou alguns vikings e foi atacada, o urso tomou conta de seu corpo.

- E por que vocÃª nÃ£o foi ajudÃ¡-la?!

- Quando eu a encontrei ela jÃ¡ estava se transformando, nÃ£o havia nada que eu pudesse fazer, apenas tirei Angus de perto dela e procurei algo para ajudÃ¡-la quando voltasse.

Sem conseguir acreditar no que ouvia, permitiu que ele a ajudasse a se levantar. Segurando fortemente o lenÃ§ol em volta de seu corpo, permitiu-se um momento de fraqueza e foi abraÃ§ada pelo (pretendente gay).

- Grizel, avise aos lÃ-deres o que aconteceu e que os vikings se aproximam pelo norte*. Vou ficar aqui com Merida atÃ© ela se acalmar mais um pouco, os outros podem ir.

Os outros pretendentes nÃ£o queriam deixÃ¡-los, mas logo continuaram seu caminho atÃ© o castelo, pretendendo deixar o caminho livre para que Merida voltasse ao castelo sem nenhum empecilho. Tudo o que ela nÃ£o precisava agora era que as pessoas perguntassem o que acontecera.

- Eu... â€“ A voz de Merida estava fraca, nÃ£o conseguia encarar os olhos do (pretendente gay).

- NÃ£o se preocupe, Merida. Eu nÃ£o direi nada sobre os seus encontros com aquele viking.

O susto foi grande, o encarou sem acreditar no que ele dissera. Como ele poderia saber dos seus encontros com SoluÃ§o? SerÃ¡ que ele a seguiu? SerÃ¡ que ele sabe..?

- Como..?

O rapaz deu um meio sorriso e segurou a mÃ£o livre de Merida com carinho.

- Digamos que nÃ£o foi a primeira a chegar na clareira em um dos dias de nosso serviÃ§o e que eu fui procurÃ¡-la. Vi como vocÃªs gostam da presenÃ§a um do outro e nÃ£o achei que seria necessÃ¡rio incomodÃ¡-la.

- Mas... Macintosh...

Eles finalmente se encaravam, Merida notou que faltava algo no olhar dele.

- Merida, hÃ¡ trÃªs anos vocÃª lutou contra todos os antigos costumes de nosso paÃ-s para se casar por amor. Isso significa que nÃ³s, seus pretendentes, tambÃ©m temos o direito de escolher quem amamos como esposa.

A ruiva tinha certeza que estava boquiaberta. Isso sÃ³ podia significar que o seu (pretendente gay) na verdade nÃ£o era o _seu_ (pretendente gay).

- Macintosh! VocÃª nÃ£o sabe o quanto isso me alegra!

O rapaz sorriu tranquilo e permaneceram alguns instantes apenas felizes de estarem na companhia um do outro, atÃ© que um pensamento cruzou a mente de Merida.

- Seu pai... ele nÃ£o sabe, nÃ£o Ã© mesmo?

O jovem Macintosh deu de ombros, soltando a mÃ£o de Merida e se aproximando de seu grande cavalo marrom.

- Ele nem sonha.

O sorriso indecente que o rapaz lanÃ§ou sobre si a fez entender exatamente o que ele queria dizer. Suspirou e se aproximou de Angus.

- Ok, eu nÃ£o falarei nada sobre a _sua_ namorada.

- E eu nÃ£o falarei nada sobre o _seu_ viking.

Montaram e comeÃ§aram o seu caminho atÃ© o castelo DunBroch. ApÃ³s vÃ¡rios metros de silÃªncio o rapaz finalmente disse algo.

- Mas realmente acho que devÃ-amos contar sobre aqueles lagartos gigantes...

- SÃ£o dragÃµes... â€“ Tinha certeza que Macintosh estava com o mesmo olhar incrÃ©dulo que ela mostrara quando conheceu Banguela.

E foi nesse momento que a ruiva se xingou mentalmente. Tinha tanto que deveria contar para os lÃ-deres, mas parecia que mais ainda deveria ser mantido em segredo. Por quÃª, deuses, por que eram tÃ£o cruÃ©is?

Os lÃ-deres dos clÃ£s jÃ¡ os esperavam no castelo. Elinor apenas

conseguiu que deixassem Merida em paz por tempo o suficiente para que ela colocasse uma roupa decente.

- VocÃª estÃ¡ bem, filha?

- Estou, mÃ£e.

NÃ£o queria ver seu pai, ou outro lÃ-der. NÃ£o queria encarar os olhos preocupados de sua mÃ£e. NÃ£o queria fazer nada alÃ©m de deitar-se em sua cama e chorar atÃ© seu coraÃ§Ã£o se satisfazer e dormir â€“ de preferÃªncia para sempre. Apenas soltou um suspiro e dirigiu-se Ã sala do trono.

- Merida, que histÃ³ria Ã© essa de ser atacada por vikings?

Nunca se decepcionava com seu pai, direto e sem o menor toque.

- Estava me aproximando da cascata de fogo, quando um casal de vikings me interceptaram. â€“ Tinha que tomar cuidado, nÃ£o podia dar mais informaÃ§Ã£o que os deixaria desconfiados e nem menos informaÃ§Ã£o do que o necessÃ¡rio para se protegerem. Sentia-se caminhando no fio de uma navalha.

- E eles simplesmente a atacaram? â€“ a voz de Dingwall a retirou de seus pensamentos.

- Primeiro perguntaram quem eu era... â€“ seus pensamentos estavam Ã mil, precisava convencÃª-los do perigo sem expÃ´r seu envolvimento.

- E vocÃª simplesmente respondeu? â€“ a incredulidade estava presente na voz de MacGuffin.

- Obviamente que ela nÃ£o respondeu, minha filha nÃ£o seria tÃ£o inocente assim!

Estava prestes a desistir de contar o que acontecera visto que os lÃ-deres pareciam apenas ansiosos em comeÃ§ar uma luta â€“ contra quem quer que fosse. Sua mÃ£e chamou a atenÃ§Ã£o dos lÃ-deres com um olhar de indiferenÃ§a.

- Se vocÃªs parassem de interromper Merida, ela com certeza jÃ¡ teria nos contado tudo o que aconteceu.

O silÃªncio que se seguiu foi quase palpÃ¡vel. A ruiva apenas deu um meio sorriso para a mÃ£e, respirou fundo e continuou sua histÃ³ria.

- Quando eu me recusei a responder, a viking se adiantou dizendo que eu sÃ³ podia ser da famÃ-lia real, mas o viking disse que seria arriscado caso nÃ£o fosse. â€“ nÃ£o podia dizer que SoluÃ§o a protegeu, muito menos que conhecia o viking, e nem sonhava em dizer que estava apaixonada por ele. â€“ Foi nesse momento que eles comeÃ§aram a discutir e vieram para cima de mim.

Continuou a histÃ³ria antes que alguÃ©m a interrompesse, ou perdesse a coragem de continuar falando.

- Antes que eu pudesse pensar em algo, ela havia me tirado de cima do cavalo e me puxava para a besta que cavalgava. O urso, entÃ£o, tomou

poder de meu corpo, me transformei, lutei e fugi. Foi nesse momento que o jovem Macintosh me seguiu e me trouxe em seguranÃ§a atÃ© o castelo.

Olhou para o jovem ao seu lado que tomou a palavra, livrando-a de mais constrangimento.

- Permaneci na floresta, mas ao escutar o urro do urso vindo da direÃ§Ã£o que Merida havia ido imaginei o que podia ter acontecido. Ao chegar nos limites da floresta a vi correr em direÃ§Ã£o ao cÃ-rculo de pedras, entrei na clareira para pegar Angus, jÃ¡ que nÃ£o tinha sinais de nenhum inimigo. Eles jÃ¡ se dirigiam para o norte.

Os lÃ-deres ficaram em silÃªncio por alguns instantes, apenas encarando os dois jovens Ã sua frente. AtÃ© que Fergus coÃ§ou sua barba.

- Como pode ter tanta certeza que eles seguiram para o norte se nÃ£o tinha sinal deles quando saiu da floresta?

- Realmente isso nÃ£o faz sentido, filho. O que vocÃªs nÃ£o estÃ£o nos dizendo.

Os jovens se encararam e suspiraram.

- Ã‰ que ainda nÃ£o acreditamos no que vimos...

- Eles estavam voando.

O silÃªncio que se seguiu foi mortal. Durou pouco, jÃ¡ que Dingwall e MacGuffin comeÃ§aram a rir, sendo seguidos por todos na sala.

- Voando? Vikings voando!

- NÃ£o estamos mentindo, pai! Eu os vi voando.

- Vamos, vamos, jovem Macintosh. NÃ£o pode esperar que acreditemos que os vikings, de alguma forma, consigam voar.

- Mas Ã© simplesmente aceitÃ¡vel a princesa da EscÃ³cia se transformar em um urso. â€“ A voz de Merida estava carregada do mais puro gelo. â€“ Eu acho que hÃ¡ trÃªs anos eu provei que magia existe, mesmo todos nessa sala nÃ£o acreditando nela. SerÃ¡ que Ã© tÃ£o difÃ-cil assim acreditar que existem dragÃµes em algum outro lugar no mundo?

Todos na sala mantiveram o olhar baixo, envergonhados, sem conseguir manter o olhar de Merida.

- Achei que vocÃªs deveriam saber o que vimos para, quem sabe assim, termos alguma chance de vencer essa luta. Se vÃ£o apenas rir do que vimos, vou-me embora.

Com isso a garota se dirigiu ao seu quarto onde, finalmente â€“ apÃ³s trancar a porta -, permitiu-se chorar todo o desespero que sentia. JÃ¡ nÃ£o queria saber o que seria desta batalha, apenas queria que tudo acabasse e pudesse voltar Ã maldita escolha de seu futuro marido.

Tudo era mais simples quando tinha que se preocupar apenas com isso.

-x-

* Estou considerando que o castelo de Mor'du fica ao norte da EscÃ³cia.

N/A: E mais um capÃ-tulo acabado. Espero que vocÃªs tenham gostado dele! ^^~

Agora as coisas jÃ¡ estÃ£o se encaminhando para a guerra, Ã©... ela ainda acontecerÃ¡. Sowwy.

Beijos da Tia Tifa!

5. Amizade

Amizade

Acordou no dia seguinte ainda se sentindo pÃ©ssima, mas nÃ£o podia se esconder para sempre em seu quarto â€“ mesmo sendo a Ãºnica coisa que realmente quisesse fazer. Seu pai mandou que os batedores seguissem a trilha dos vikings para o norte, seguindo atÃ© o antigo castelo de Mor'du.

Queria muito continuar como batedora. Enganava-se â€“ ou tentava se enganar â€“ dizendo que ajudava as tropas escocesas com seu trabalho, mas no fundo do seu peito sabia que apenas queria encontrar SoluÃ§o novamente, mesmo temendo isso mais do que tudo.

Como ela e os seus pretendentes foram instruÃ-dos a permanecer no acampamento enquanto os escoceses buscavam um bom lugar para lutar, Merida comeÃ§ou a escolher a companhia do jovem Macintosh com mais frequÃªncia. Era comum vÃª-los treinando juntos, caminhando, conversando ou apenas prÃ³ximos um ao outro. As pessoas comeÃ§aram a pintar um quadro no qual Merida e Macintosh estariam casados em breve, agradecendo pelo menos isso no tempo de guerra.

Enquanto caminhavam pelas muralhas de DunBroch, Macintosh tentava, em vÃ£o, fazer com que Merida se esquecesse do que acontecera hÃ¡ dias na cascata de fogo.

- Vamos, Rida, vocÃª nÃ£o pode continuar pensando apenas nisso.

- E o que eu posso fazer? NÃ£o o vejo desde aquele dia... E agora ele sabe que eu nÃ£o sou normal... â€“ Sua voz estava carregada de frustraÃ§Ã£o â€“ Eu apenas queria vÃª-lo...

O rapaz deu um sorriso triste, sabia exatamente pelo que Merida estava passando, mas nÃ£o estava disposto a vÃª-la sofrer por isso. Percebendo que alguns dos guardas prestavam atenÃ§Ã£o no que acontecia entre eles, decidiu que estava na hora de dar um pouco mais de corda para os comentÃ¡rios. Tocou delicadamente o braÃ§o da ruiva, que nÃ£o se afastou e aceitou a carÃ-cia enquanto o jovem sussurrava em seu ouvido.

- VocÃª ainda o verÃ¡. Acredite nisso. â€“ Com um sorriso sarcÃ¡stico cruzando seu rosto fez com que Merida o encarasse â€“ NÃ£o acha

extremamente hilÃ¡rio os comentÃ¡rios que tÃªm sido feitos acerca de nÃ³s? Se eu nÃ£o soubesse exatamente o que acontece entre nÃ³s dois, acreditaria piamente que nos verÃ-amos casados em poucos dias.

Seu comentÃ¡rio conseguiu arrancar um leve sorriso de Merida, que o empurrou gentilmente antes de virar-se e correr.

- NÃ£o se eu puder impedir, Macintosh!

E aos risos comeÃ§aram a se perseguir, recebendo alguns olhares de inveja e alegria.

Sim, sabiam que estavam enganando a tudo e a todos, mas precisavam desse momento de descontraÃ§Ã£o entre eles. JÃ¡ nÃ£o podiam ajudar nos preparativos para a guerra e cada um sabia o quanto era exaustivo ter segredos que nÃ£o podiam compartilhar com ninguÃ©m.

Merida e Macintosh desenvolveram uma amizade atravÃ©s da necessidade, porÃ©m nÃ£o conseguiriam dizer como eram suas vidas antes dessa amizade. Ela tornou-se cara e tÃ£o presente entre eles que nÃ£o suportariam perdÃª-la.

Ã‰ claro que isso nÃ£o significava que os jantares, quando todos os clÃ£s se reuniam, era uma coisa que agradasse a eles.

- Eu fico tÃ£o feliz que _finalmente_ tenha feito a sua escolha, Merida â€“ Macintosh tinha um sorriso de orelha a orelha enquanto tentava se servir de um pernil de javali â€“ Eu tenho certeza que o jovem Macintosh irÃ¡ te fazer muito feliz.

Merida deu um sorriso amarelo enquanto respirou fundo e se concentrou na comida Ã sua frente, balanÃ§ando minimamente sua cabeÃ§a e arrancando um sorriso do rapaz ao seu lado.

- Ora vamos, Macintosh, nÃ£o coloque a carruagem na frente dos cavalos. â€“ MacGuffin sorriu e comeÃ§ou a disputar o pernil com Macintosh â€“ Todos sabem que Merida sÃ³ Ã© amiga de seu filho. Isso nÃ£o significa que Duncan* estÃ¡ fora do pÃ¡reo.

- Ou Wee. â€“ Dingwall jÃ¡ devorava uma coxa de frango.

MacGuffin e Macintosh trocaram um olhar raivoso antes de conseguirem dividir o pernil igualmente.

- Verdade, verdade, mas dizem por aÃ- que eles sÃ£o inseparÃ¡veis. Caso se procure Aidan* ou Merida Ã© certo que serÃ£o encontrados juntos.

A ruiva jÃ¡ estava perdendo a paciÃªncia. Como se nÃ£o bastasse que seus pais insistissem que deveria decidir logo com quem se casaria, ainda tinham que conversar como se ela nÃ£o estivesse presente? De verdade?

Respirando fundo mais uma vez, preparava-se para dar um sermÃ£o naqueles velhos, mas sua mÃ£e foi um pouco mais rÃ¡pida.

- Vamos agora, amigos, estamos tentando ter um jantar civilizado â€“ "ou o mais civilizado possÃ-vel, considerando a quantidade de escocÃªses juntos" o pensamento fez Merida sorrir sozinha â€“ Que tal se deixarmos estes assuntos constrangedores para depois?

E todos sabiam que nÃ£o era uma sugestÃ£o, era uma ordem. As palavras de Elinor nunca eram ignoradas e Merida nunca foi tÃ£o grata Ã mÃ£e. Passaram o resto do jantar brincando uns com os outros, brigando algumas vezes e, depois de algumas horas, pode-se dizer que o jantar fora um sucesso.

Merida se retirou para seu quarto, ansiava pela solidÃ£o ao mesmo tempo em que a temia. A lua jÃ¡ ia alta no cÃ©u quando escutou um barulho vindo do corredor. Levantou-se da cama, vestiu seu vestido mais leve e pegou seu arco e flechas, afinal, melhor prevenir que remediar, nÃ£o?

Abriu a porta de seu quarto vagarosamente, evitando, assim, que as dobradiÃ§as rangessem. Viu Aidan vindo pÃ© ante pÃ© em sua direÃ§Ã£o. O rapaz assustou-se com a sua presenÃ§a na porta, deu um sorriso e, sinalizando para que fizesse silÃªncio, a chamou para acompanhÃ¡-lo.

Curiosa, seguiu seu amigo por todo o corredor, desceram as escadas e passaram pela cozinha, alcanÃ§ando o pÃ¡tio externo do castelo DunBroch.

- Aidan, o que..?

O rapaz apenas a fez novamente ficar em silÃªncio e continuaram seguindo para o portÃ£o lateral da muralha. Ao saÃ-rem do local onde estavam, Merida pÃ´de ver Angus e Logan* esperando.

- Vamos, temos que correr um pouco. Acho que jÃ¡ ficamos muito tempo presos nesse castelo, nÃ£o acha?

Sem saber o que dizer, Merida apenas sorriu e montou, seguindo o grande cavalo marrom de Aidan pela floresta.

Deixou que seus sentidos fossem tomados pelos sons noturnos da floresta. Nunca iria assumir para alguÃ©m, mas realmente se sentia presa no castelo e Aidan a estava ajudando a relaxar.

Claro que, quando abriu os olhos e viu o caminho que seguiam, sabia exatamente para onde estavam indo. Olhou sem entender para o moreno que mantinha o sorriso no rosto e o silÃªncio â€“ que estava comeÃ§ando a irritar Merida.

- Aidan...

Chegaram Ã cascata de fogo, Ã© claro que a clareira estava vazia e, por conta do frio, uma fina camada de nÃ©voa envolvia a pedra que Merida tanto gostava de escalar. Apearam e apenas observaram os movimentos da nÃ©voa, as estrelas e ouviam o barulho que a Ã¡gua fazia ao cair.

- Eu sei o quanto esse lugar Ã© importante pra vocÃª, nÃ£o apenas pela lenda da cascata, mas porque foi aqui que o encontrou, nÃ£o Ã©?

A ruiva apenas ficou em silÃªncio, abraÃ§ando a si mesma e observando as estrelas pouco visÃ-veis.

- Eu sempre me impressionei pela cascata, Aidan. â€“ soltou um

suspiro e continuou â€“ Meu pai sempre me contou histÃ³rias dos antigos reis, de como eles sÃ³ eram realmente considerado reis depois que subiam ao topo do Dente de Crone e bebiam da Cascata de Fogo ao pÃ´r do sol...

Levantou o olhar atÃ© onde sabia estar o topo do Dente sem realmente conseguir vÃª-lo e sorriu.

- Sempre quis escalÃ¡-lo e, hÃ¡ trÃªs anos, finalmente consegui reunir coragem o suficiente para fazÃª-lo. Sinceramente, nunca me senti tÃ£o viva!

O rapaz encarou os olhos da garota e sorriu.

- EntÃ£o Ã© por isso que vocÃª escala essa pedra... â€“ a voz rouca de SoluÃ§o atraiu o olhar assustado dos dois escoceses, o viking apenas caminhou atÃ© eles, sentando-se â€“ porque quer se sentir viva.

Os olhos de Merida se encheram de lÃ¡grimas e, segurando-se, continuou sentada, apenas encarando os olhos verdes do viking Ã sua frente. Aidan se levanta e se espreguiÃ§a.

- Eu prometi que vocÃª voltaria a vÃª-lo, Rida... â€“ o rapaz sussurrou antes de se aproximar de Logan, montar e partir, deixando o casal sentado, se encarando.

Viking e escocesa permaneceram se encarando, em silÃªncio, banhados pela parca luz da lua e das estrelas. SoluÃ§o sorria timidamente e Merida tinha em seu rosto um misto de surpresa, alegria e medo.

Um arrepio fez com que a garota tremesse e, finalmente, houve um movimento entre eles. SoluÃ§o se levantou e se sentou ao lado de Merida, abraÃ§ando-a.

- As noites aqui na EscÃ³cia sabem ser frias...

A ruiva voltou a tremer e SoluÃ§o comeÃ§ou a gentilmente acariciar seus braÃ§os. Levou um susto quando Merida segurou com forÃ§a em seu colete.

- Rida..?

As lÃ¡grimas logo tomaram os olhos azuis da garota, soluÃ§ava tentando respirar enquanto um choro desesperado encontrou vazÃ£o. Todo seu medo, desespero, dor, tristeza, alegria e amor finalmente conseguiram encontrar uma saÃ-da e seu coraÃ§Ã£o parecia que ia explodir.

- Eu acreditei que nunca mais iria vÃª-lo... Que nÃ£o iria querer mais me encontrar...

Sussurrava as palavras que tanto temia serem verdade. Afinal, como alguÃ©m poderia aceitar o monstro dentro de si?

- NÃ£o houve um dia em que eu nÃ£o voltasse aqui, Rida. â€“ colocou uma mecha do cabelo da garota atrÃ¡s de sua orelha e encarou aqueles olhos marejados â€“ Por que achou que nÃ£o iria vÃª-la mais?

Um sorriso lentamente comeÃ§ou a se formar no rosto da ruiva,

aparentemente nÃ£o fora a Ãºnica a sofrer com a separaÃ§Ã£o. Foram longos dias sem encontrar-se. Era muito grata a Aidan, ele se tornara seu melhor amigo, seu cÃºmplice.

- E porque iria querer? Agora sabe o que eu sou... o monstro que vive dentro de mim.

SoluÃ§o nÃ£o conseguiu conter uma risada. Secou as lÃ¡grimas que ainda banhavam o rosto de Merida e beijou sua face.

- NÃ£o me leve a mal, Rida, mas eu treinei um FÃºria da Noite. Um urso nÃ£o Ã© nada comparado a um dragÃ£o.

A garota finalmente sorriu e empurrou o rapaz. Ele aproveitou o momento de distraÃ§Ã£o dela e tomou seus lÃ¡bios. Agora se abraÃ§avam com necessidade, beijavam-se com todo o Ã-mpeto da separaÃ§Ã£o. Tentavam acalmar um ao outro passando tudo o que sentiam naquele beijo.

Quando se separaram, ofegantes, ele a abraÃ§ou apertado. Continuou com as carÃ-cias e sussurrou ao ouvido dela o quanto sentiu sua falta. Merida se aninhou em seus braÃ§os e, pela primeira vez em dias, quis que o dia nÃ£o acabasse.

Seus olhos se encontraram mais uma vez, brilhantes, turvos pelos sentimentos que transbordavam em seus peitos. NÃ£o importava o frio, nÃ£o importava a noite, nÃ£o importavam suas raÃ-zes ou a guerra iminente. Tudo o que importava estava em seus braÃ§os e trocaram, em seus olhares, uma promessa de que nÃ£o se perderiam um do outro.

Nunca.

Seus olhos brilhavam mais que as estrelas, a nÃ©voa encobria tudo ao redor deles. Naquele momento o mundo todo se resumia apenas no outro. SoluÃ§o voltou a colocar a mecha de cabelo que cismava em encobrir os olhos azuis de Merida, acariciou sua bochecha e pescoÃ§o.

A ruiva se arrepiou sob os toques do viking, fechou os olhos sentindo o seu pulso se acelerando, a adrenalina percorrendo suas veias e o desejo queimar em seu ventre. Ansiava pelos beijos de SoluÃ§o e nÃ£o se decepcionou quando o rapaz tomou seus lÃ¡bios, sÃ´frego, ansioso, desesperado.

Suas lÃ-nguas se digladiaram, explorando e procurando um maior contato entre os dois. Estavam abraÃ§ados, suas mÃ£os percorriam o corpo um do outro, as dele percorriam as curvas da garota, as dela jÃ¡ estavam procurando os espaÃ§os entre o couro que o rapaz usava â€“ agradecendo mentalmente a ausÃªncia da armadura.

Precisaram se afastar para respirar, mas suas mÃ£os nÃ£o pararam com seus movimentos errÃ¡ticos. Estavam desesperados, nÃ£o havia amanhÃ£, nÃ£o havia guerra, nÃ£o havia nacionalidades diferentes. Para eles a Ãºnica coisa existente era o corpo do outro, o desejo que ambos sentiam.

Merida mordeu o lÃ¡bio inferior de SoluÃ§o, seus olhos nÃ£o se desviaram em nenhum momento. Tinha um sorriso devasso estampado em seus lÃ¡bios e o rapaz apenas respirou fundo, deixando seu mais irÃ´nico sorriso brotar em seus lÃ¡bios.

Desviou sua atenÃ§Ã£o para o pescoÃ§o descoberto da garota, arrancando suspiros e gemidos com cada beijo, lambida e mordida que dava. Sentiam seus corpos queimando com o sentimento que os dominava, precisavam dar vazÃ£o Ã quilo e precisavam fazÃª-lo agora.

Afastaram-se apenas por tempo o suficiente para livrarem-se de suas roupas. Suas peles se arrepiando com o frio que os envolvia, seus olhos brilhando cheios de sentimento. AbraÃ§aram-se mais uma vez, beijaram-se e com mais um olhar devasso, entregaram-se um ao outro.

Os movimentos cadenciados do casal os deixavam ofegantes, a cada investida de SoluÃ§o, Merida gemia, sentiam o prazer aumentando, o desejo tornando-se palpÃ¡vel. A velocidade e profundidade das investidas aumentavam gradualmente, logo a garota jÃ¡ nÃ£o conseguia raciocinar, seu corpo era apenas prazer, nÃ£o conseguia conter os gemidos. O rapaz tambÃ©m gemia, seu corpo vibrava com o aumento da velocidade, sabia que logo alcanÃ§ariam o clÃ-max juntos.

Beijou os lÃ¡bios da _sua_ escocesa com sofreguidÃ£o, lambeu seu pescoÃ§o e distribuiu mordidas por todo o colo, deixando leves marcas avermelhadas por onde sua boca passava. Ela era _sua_ assim como ele era _dela._

Com a chegada do clÃ-max para os dois, Merida chamou o nome de SoluÃ§o com sua voz embotada pelo prazer em meio a gemidos. O rapaz sorriu irÃ´nico ao abraÃ§Ã¡-la e deitar-se ao seu lado.

NÃ£o perceberam quando seus animais se aproximaram ou quando a inconsciÃªncia pÃ³s-gozo os tomou. Apenas sentiam seus coraÃ§Ãµes batendo como um e, caso alguÃ©m perguntasse, diriam que o mundo poderia acabar naquele instante, pois o que lhes era mais caro estava em seus braÃ§os.

-x-

***Duncan:** Filho do clÃ£ MacGuffin.

***Aidan: **Filho do clÃ£ Macintosh.

***Logan: **Cavalo de Aidan.

***Wee Dingwall:** Eu sei que o filho do clÃ£ Dingwall Ã© chamado de Wee no filme, porÃ©m Wee geralmente Ã© para designar alguma coisa desamparada ou pequena. Conversando com a Buba, resolvi que ficaria Wee Dingwall mesmo.

**N/A: **OlÃ¡ queridos leitores!

Devo dizer que esse capÃ-tulo demorou um tanto pra conseguir sair, ele estava praticamente pronto jÃ¡ hÃ¡ algum tempo, mas essa Ãºltima semana me peguei pensando que eu deveria dar o prazer do hentai para as pessoas que o esperavam.

Ã‰ claro que isso significou que eu passei dois dias travada tentando escrever esse hentai. Falem o que quiserem, EU acho difÃ-cil escrever hentai com personagens de filmes infantis. Sue me.

De qualquer forma, espero que ele esteja satisfatÃ³rio para todos os que o aguardavam. Fiz o meu melhor.

Quero agradecer Ã querida Kyun, porque se nÃ£o fosse por ela nada disso sairia.

Espero que esteja do seu agrado, Buby! 3

Beijos da Tifa!

6. Coragem

Coragem

NÃ£o havia se passado tanto tempo assim desde que dormira nos braÃ§os de SoluÃ§o. Acordou depois de um pesadelo em que a guerra se concretizava, sabia que era apenas um pesadelo, mas nÃ£o conseguiu deixar de sentir que a realidade se aproximava perigosamente dele.

Encarou o rosto do viking ao seu lado, sentiu uma grande calma invadindo seu corpo, o calor que emanava do rapaz a tranquilizava e a Ãºnica coisa que realmente queria fazer era continuar ali, nos braÃ§os dele.

BalanÃ§ou levemente a cabeÃ§a e se perguntou o que faria. Continuaria ali, esperaria o rapaz acordar e, quem sabe, fugir para terras longÃ-nquas onde ninguÃ©m os conhece e comeÃ§ar uma vida nova ao lado dele, ou encararia de frente o problema que se aproximava rapidamente, tentando encontrar uma soluÃ§Ã£o sem que precisassem se matar para isso?

Sabia muito bem que caso SoluÃ§o acordasse nÃ£o teria forÃ§as para deixar o lado do rapaz, que faria qualquer coisa que ele sugerisse, que enfrentaria o mundo para permanecer ao seu lado. Entretanto, sabia que nÃ£o podia ser assim. Era a princesa da EscÃ³cia, precisava governar o paÃ-s quando chegasse o momento, precisava encontrar uma resposta que nÃ£o envolvesse fugas.

Respirando fundo e com o maior cuidado possÃ-vel, levantou-se e se vestiu, tomando todo o cuidado para que nÃ£o acordasse o viking. Quando terminou de se arrumar, pegou uma de suas flechas, amarrou uma fita verde de seu vestido nela e a deixou ao lado do rapaz, esperando que ele entendesse.

Banguela a observava como se a acusasse por abandonar seu treinador. A garota sorriu e acariciou seu focinho.

- Cuide dele, Banguela.

E depositou um beijo nos lÃ¡bios do rapaz antes de montar e partir.

Seu caminho, nÃ£o tÃ£o longo quanto gostaria, atÃ© o castelo era solitÃ¡rio. E na solidÃ£o que a envolvia permitiu que seus pensamentos tentassem encontrar uma ordem, uma lÃ³gica, uma saÃ-da, por assim dizer.

Tinha a certeza de que Aidan nÃ£o conseguiria manter sua escapada em

segredo, nÃ£o quando seus pais acordassem e procurassem por ela. Decidiu que o melhor a se fazer era voltar para casa â€“ e se assustou com o quanto doÃ-a pensar nisso. BalanÃ§ou a cabeÃ§a e continuou seu caminho.

Ao chegar ao castelo, entrou o mais silenciosamente possÃ-vel pela mesma porta que havia saÃ-do com Macintosh. Os guardas nÃ£o estavam em lugar nenhum, e sentiu um arrepio percorrer sua espinha, serÃ¡ que algo tinha acontecido enquanto estivera fora? Procurou por sinais de luta, mas nÃ£o havia nada, apenas um silÃªncio ensurdecedor a recebeu.

Respirando fundo, deu de ombros e dirigiu Angus Ã sua baia, notando que Logan estava ali e parecia calmo. Tranquilizada, preparou-se para entrar no castelo, mas foi pega de surpresa por braÃ§os que a envolveram. Reprimiu um grito e virou-se rapidamente, soltando-se do abraÃ§o e encarando Aidan.

- VocÃª me assustou!

O rapaz sorriu enquanto a encarava e colocou os braÃ§os atrÃ¡s da cabeÃ§a.

- Desculpa... Parecia tÃ£o desligada que nÃ£o resisti.

- Imbecil... â€“ nÃ£o conseguiu deixar de sorrir para o amigo.

Ele tomou sua mÃ£o e a puxou atÃ© a muralha leste, nÃ£o faltava muito tempo para o nascer do sol e parecia que o rapaz iria questionÃ¡-la sobre sua noite. NÃ£o estava pronta para compartilhar o que houve com ele - ou com qualquer outra pessoa -, mas ficou grata pela companhia. NÃ£o mais queria ficar sozinha.

- VocÃª voltou cedo, Rida.

Claro que a conversa iria para esse lado. Sentiu o rosto queimando e imaginou se o seu rosto estaria da mesma cor que o cabelo. Se recusava a comentar o que acontecera, ainda mais com Aidan! Ficou alguns instantes calada, apenas encarando o horizonte lentamente se clarear.

- Fiquei com medo de vocÃª nÃ£o voltar, sabia... O que eu diria para os nossos pais caso vocÃª tivesse ido embora? â€“ a voz do rapaz tinha um leve toque de tristeza, nÃ£o conseguiu deixar de imaginar o medo que ele sentiu enquanto se demorava na floresta.

- Eu nÃ£o podia... Eu nÃ£o abandonaria vocÃª, Aidan, nÃ£o no meio dessa merda toda. â€“ sorriu e tocou o braÃ§o do seu amigo.

O moreno sorriu enquanto encarava o horizonte. Seu sorriso comeÃ§ou a minguar, Merida imaginou que tivesse sido algo que falara.

- Ora, vamos, Aidan. Sabe muito bem que... â€“ e quando seguiu o olhar do jovem, viu o que ele vira. E nÃ£o acreditou.

O cÃ©u estava pontilhado de grandes manchas negras que seguiam diretamente para o castelo DunBroch. Os vikings estavam atacando.

Ficaram por alguns momentos estupefatos, nÃ£o conseguiam acreditar no

que seus olhos viam. A forÃ§a viking era muito maior do que qualquer um tinha imaginado.

Desceram correndo as escadas, jÃ¡ dando o alarme da aproximaÃ§Ã£o viking. Guardas incrÃ©dulos encaravam o cÃ©u ao nordeste, incapazes de acreditar na existÃªncia dos dragÃµes, vÃ¡rios jÃ¡ se escondiam â€“ tomados pelo desespero â€“ e gritos de alarme eram dados, carregados por um medo paralisante, causando uma cacofonia indescritÃ-vel.

Os lÃ-deres de clÃ£s coordenavam a entrada de suas tropas, enquanto Fergus jÃ¡ organizava a defesa do castelo. Merida e Aidan armaram-se e tomaram seus lugares nas muralhas, Elinor e os trigÃªmeos, junto com todas as mulheres do castelo, barricaram as portas do salÃ£o interior e se armaram. Muitas ali rezavam e choravam, tomadas pelo medo.

O Castelo DunBroch seria capaz de enfrentar um cerco por semanas â€“ ou atÃ© mesmo meses com a chegada do inverno â€“ seus estoques de comida deveriam durar, afinal, aprenderam da pior forma que cercos podiam ser terrÃ-veis.

Mas a chegada dos dragÃµes mudaria tudo.

A muralha e as paredes do castelo eram feitas da mais dura pedra, mas seu telhado e muitos de seus alicerces eram de madeira pura. Se os dragÃµes tivessem algum poder de fogo teriam sÃ©rios problemas.

O coraÃ§Ã£o de Merida batia com forÃ§a em seu peito, sabia do poder que os dragÃµes possuÃ-am e temia que nÃ£o conseguissem vencer a batalha, que seus parentes e amigos morressem. Respirou fundo e trocou um olhar com Aidan, Duncan e Wee. Agora que estavam Ã beira do abismo sabiam que contariam e protegeriam uns aos outros atÃ© a morte.

Os dragÃµes se aproximavam cada vez mais. Havia dragÃµes vermelhos com espinhos, azuis com grandes maxilares e atÃ© dragÃµes verdes de duas cabeÃ§as. NÃ£o conseguiu impedir que seus olhos passeassem pelo grande exÃ©rcito viking procurando pelo dragÃ£o negro e seu cavaleiro, nÃ£o o encontrando em lugar nenhum. NÃ£o sabia se ficava feliz ou decepcionada.

Uma nuvem negra de corvos seguia os dragÃµes e os circulava, aproximando-se do castelo DunBroch e antecipando uma luta sangrenta. As Ã¡rvores ao redor do castelo logo tornaram-se cheias dos pÃ¡ssaros negros, seu crocitar enviando arrepios pela espinha dos defensores. Os soldados foram tomados pelo mau agouro que as aves traziam em suas asas.

Seus corpos estavam tomados pelo suor frio da antecipaÃ§Ã£o, encarar seus agressores sobrevoando suas terras fora do alcance de suas flechas deixava-os tensos. A cada ligeira aproximaÃ§Ã£o por parte dos vikings, cada lutador ficava ainda mais tenso. Esperavam que os monstros comeÃ§assem seu ataque, mas nenhum atacante se aproximava o suficiente.

Aparentemente os vikings estavam apenas provocando os escoceses. Pousaram seus monstros hÃ¡ certa distÃ¢ncia do castelo, de tal forma que permaneceram fora do alcance das flechas dos defensores.

- O que diabos eles estÃ£o esperando, Rida? â€“ Aidan estava preocupado. Tanto ele quanto Duncan e Wee nÃ£o eram bons arqueiros, mas nÃ£o estavam dispostos a deixar Merida ali nas muralhas sozinha.

- Parece que estÃ£o procurando alguma coisa... â€“ observava alguns dragÃµes sobrevoarem o castelo rapidamente e franziu o cenho â€“ JÃ¡ estou me cansando desses dragÃµes passarem por aqui como se fossem imbatÃ-veis.

Os quatro estavam reunidos no topo da muralha oeste, e encaravam as tropas vikings montadas em seus dragÃµes. A cada besta que passava por sobre suas cabeÃ§as, as tropas se abaixavam ligeiramente por reflexo, menos os quatro filhos dos clÃ£s. Merida segurava o arco com tanta forÃ§a que seus dedos jÃ¡ estavam brancos.

- Merida, o que estÃ¡ pensando em fazer? â€“ a voz de Duncan era baixa.

- Eu vou derrubar o prÃ³ximo cavaleiro que passar por aqui. â€“ sua voz era determinada. Seus amigos apenas deram algum espaÃ§o para a garota se preparar.

Enquanto todos os outros arqueiros continuavam se abaixando sempre que um dragÃ£o se aproximava, a garota preparou-se para atirar sua flecha. Era um grande dragÃ£o vermelho com listras negras, dentes proeminentes e uma cara maligna, seu cavaleiro era atarracado. Respirou fundo e, ao soltar o ar, mirou no cavaleiro, soltando sua flecha.

A flecha voara rapidamente atingindo as costas do rapaz enquanto cavaleiro e dragÃ£o se dirigiam para o grupo de vikings desmontados e reunidos em terra. A forÃ§a de sua flecha o derrubara, nÃ£o sabia se ele estava vivo ou morto, mas nÃ£o deixou de sorrir satisfeita em ver que sua flecha o atingira. Seus amigos sorriram e alguns dos arqueiros comemoraram.

A comemoraÃ§Ã£o, porÃ©m, nÃ£o durou muito tempo. Ao perder o seu cavaleiro o dragÃ£o rugiu, bravo. Seu corpo inteiro pegou fogo e ele comeÃ§ou a investir contra os defensores. Soltou rajadas de fogo sobre o castelo, o estÃ¡bulo sendo rapidamente tomado. VÃ¡rios escoceses jÃ¡ corriam com baldes de Ã¡gua para tentar apagar o fogo e impedi-lo de se alastrar pela Ã¡rea interna das muralhas.

Merida encarava o dragÃ£o voando a esmo em cima de sua casa, incapaz de acreditar que havia comeÃ§ado a guerra.

- Se abaixa! â€“ Wee pulou sobre a garota e ambos rolaram pela muralha no momento exato que o dragÃ£o passou soltando fogo por ali.

Aidan e Duncan e mais alguns defensores conseguiram se proteger, mas tiveram arqueiros que nÃ£o tiveram a mesma sorte, sendo queimados vivos. Seus gritos tomaram conta do castelo e todos os escoceses sentiram medo. Medo e determinaÃ§Ã£o; se era guerra que os vikings queriam, era guerra que eles teriam.

-x-

N/A: E, apÃ³s muito atraso, o sexto capÃ-tulo de "Eu te amo,

porra!" foi postado!

Sim... eu sei. Estou hÃ¡ algumas semanas atrasada, mas foi tanta coisa que aconteceu... Juro que queria continuar conseguindo postar a cada semana, como estava postando no comeÃ§o, mas a faculdade apertou, meus cursos estÃ£o apertando tambÃ©m, fora que estou fazendo estÃ¡gios durante os fins de semana. EntÃ£o... Ã©.

AgradeÃ§o de todo coraÃ§Ã£o por vocÃªs continuarem acompanhando, nÃ£o desistam, essa fic serÃ¡ terminada e eu estou me divertindo muito a escrevendo. SÃ³ peÃ§o para que tenham paciÃªncia â€“ bastante paciÃªncia â€“ e, prometo, que a espera valerÃ¡ a pena.

Obrigada a todos que comentaram e Ã queles que nÃ£o comentaram tambÃ©m.

Espero que esse capÃ-tulo esteja bom. Agradecimentos especiais Ã Tilim, minha linda amiga que betou esse capÃ-tulo, e ao Senpai, por ter lido em primeira mÃ£o e me questionado o tempo inteiro. Amo vocÃªs!

Beijos da Tifa!

7. Guerreiros

Guerreiros

A guerra iniciara-se enfim. NÃ£o era um fato feliz, porÃ©m agora nÃ£o precisavam mais sofrer com a expectativa da espera. O dragÃ£o destruÃ-a tudo em seu caminho, levando tempo e flechas demais para derrubÃ¡-lo.

Lutava, nÃ£o apenas para salvar a prÃ³pria pele, mas porque desejava, do fundo do seu coraÃ§Ã£o, que sobrevivesse. NÃ£o se importava com o destino dos vikings, ou com o seu prÃ³prio, apenas esperava encontra-lo uma Ãºltima vez.

Tinha a certeza de que muitos morreriam dos dois lados, e entristecia-se em pensar que fora ela quem realmente comeÃ§ara tudo aquilo. Talvez sua mÃ£e conseguisse pensar em algo, talvez encontrasse uma saÃ-da que nÃ£o envolvesse entrar em combate, porÃ©m ela nÃ£o conseguia ver outra saÃ-da, ainda mais depois de ter iniciado a primeira baixa da tropa inimiga.

- Merida, tire os arqueiros das ameias, eles sÃ£o alvos fÃ¡ceis ali.

Duncan estava certo, mas na realidade todos eles eram alvos fÃ¡ceis para os dragÃµes. Como se defender dessas malditas criaturas poderosas? Como defender aqueles que lhe eram tÃ£o caros?

Recebeu um empurrÃ£o de Duncan quando outro dragÃ£o voltou a sobrevoar o local onde estavam. Precisava parar de pensar demais, assim ela nÃ£o seria de grande ajuda para ninguÃ©m. Agradeceu o amigo com um sorriso e correu escada acima, voltando para o topo da muralha e organizando os arqueiros.

Poderiam nÃ£o ser tÃ£o numerosos quanto gostaria e, com certeza, bem menos poderosos que os inimigos, contudo lutariam como uma Ãºnica

unidade. E se iam para o inferno, levariam a maior quantidade de inimigos possÃ-vel.

- Ao meu sinal, ataquem os cavaleiros dos dragÃµes que se dirigem aos portÃµes! â€“ os vikings pareciam considerar os arqueiros como o menor de seus problemas, os ataques ali diminuindo de frequÃªncia. Ah, faria com que os inimigos se arrependessem dessa decisÃ£o. â€“ Agora!

As flechas voavam em um Ãºnico ataque, atingindo cavaleiros e dragÃµes igualmente. Sua forÃ§a podia ser de apenas 15 arqueiros, mas ataques concentrados assim eram de grande valia, aumentando em muito seu poder de fogo.

As forÃ§as vikings que atacavam os portÃµes precisaram se dividir. ApÃ³s a queda de 2 dragÃµes perceberam que nÃ£o poderiam deixar os arqueiros livres para atacarem. A ruiva, percebendo que sofreriam uma represÃ¡lia rapidamente, ordenou que os arqueiros se espalhassem, abandonassem as ameias e se encontrassem com ela no pÃ¡tio do castelo.

Desviou do ataque de espinhos do dragÃ£o azul de Astrid. Ah, como daria tudo para derrubÃ¡-la e seu dragÃ£o. Infelizmente nÃ£o era hora, precisava chegar em seguranÃ§a ao pÃ¡tio do castelo e organizar nova incursÃ£o de seus arqueiros contra os vikings. A loira tambÃ©m era necessÃ¡ria em outra parte da batalha, seus olhares, porÃ©m, carregavam uma promessa de que ainda se enfrentariam antes do fim da guerra.

- Se abaixa! â€“ Aidan gritou, jÃ¡ tendo preparado um grupo de guerreiros com lanÃ§as, prontos para finca-las na barriga dos dragÃµes que davam rasantes sobre os arqueiros. Merida teve apenas tempo o suficiente para rolar em direÃ§Ã£o o amigo e torcer para que algum dragÃ£o fosse tolo o suficiente para cair na armadilha montada.

Ganharam tempo com o plano de Aidan, os dragÃµes evitavam as pontas das lanÃ§as como se soubessem o que esperava por eles. Levantou-se e assentiu para o amigo, enquanto voltava sua atenÃ§Ã£o para seus arqueiros. Perdera cinco companheiros no ataque, que logo foram substituÃ-dos.

Novamente, com sua pequena forÃ§a, a garota fazia ataques rÃ¡pidos, derrubando inimigos e desfazendo seu grupo ao final de cada ataque.

Ouviram quando os portÃµes foram destruÃ-dos. Escutou o pai gritando para sua tropa se organizar e desesperou-se. Queria correr para o lado do pai, ajuda-lo em sua luta, entretanto nÃ£o havia como. Precisava correr e esquivar-se dos ataques que estava recebendo.

Agora era Wee que a salvara. O rapaz, em um acesso de fÃºria lutava contra vikings que perderam suas montarias, recebendo a atenÃ§Ã£o de muitos inimigos que estavam prÃ³ximos. Vendo que o rapaz estava em desvantagem numÃ©rica, usou suas Ãºltimas flechas para ajuda-lo. Conseguiram, juntos, derrubar os inimigos ao seu redor.

- Obrigado, Rida.

Sorriu de lado, aceitando o rÃ¡pido momento de paz para respirar fundo e descansar um pouco os mÃºsculos doloridos. JÃ¡ nÃ£o saberia dizer hÃ¡ quanto tempo lutavam, a guerra parecia se arrastar a horas. Olhando o sol, ele se aproximava lentamente de seu zÃªnite.

- AgradeÃ§a-me quando vencermos, Wee. Cuide-se. â€“ e recebendo um aceno de concordÃ¢ncia, comeÃ§ou a correr para a casa de guarda. Precisava de mais flechas, tendo apenas duas em seu alforje. Ã‰ claro que nÃ£o esperava ouvir aquele urro caracterÃ-stico vindo dos portÃµes.

Encarou, incrÃ©dula, quando Banguela e SoluÃ§o abriam um campo entre as duas forÃ§as inimigas. O que faria se ele atacasse seus conterrÃ¢neos? Seu pai? Ignorando suas necessidades, correu o mais rÃ¡pido que suas pernas e os campos pontilhados de corpos permitiram. Aproximou-se dos portÃµes estraÃ§alhados e encarou a nova cena que se desenrolava Ã sua frente.

- Merida, vÃ¡ para dentro, aqui Ã© muito perigoso.

Seu pai mal lhe lanÃ§ara um olhar, estava com o ombro sangrando onde um espinho dos dragÃµes o acertara. Havia cortes por todo o seu corpo, mas seus olhos... Seus olhos ainda brilhavam com todo o Ã-mpeto escocÃªs, desejava voltar logo para a batalha, porÃ©m o fogo azul de Banguela o impedia.

Encarava SoluÃ§o e Banguela. â€“ NÃ£o, pai. Se vocÃª estÃ¡ aqui, eu estarei ao seu lado. Afinal essa guerra Ã© minha responsabilidade.

Podia sentir quando o pai se encheu de orgulho de suas palavras, mas nÃ£o havia muito tempo para aproveitarem um momento de pai e filha. Vikings continuavam tentando atacar, que fosse SoluÃ§o ou que fossem escoceses, eles nÃ£o se importavam.

- Saia da frente, SoluÃ§o!

- NÃ£o, pai! â€“ desviou do ataque do dragÃ£o do pai e voltou a parear os ataques dos seus conterrÃ¢neos. â€“ NÃ£o percebe que essa luta nÃ£o tem sentido?

- O que diabos esse viking estÃ¡ fazendo? â€“ podia escutar os escoceses tensos e admirados com a coragem do rapaz. NÃ£o era qualquer um que enfrentaria um exÃ©rcito viking. â€“ Aproveitem para tirar os feridos da linha de frente.

Enquanto mantinha os olhos na discussÃ£o Ã sua frente, Merida percebeu que seus companheiros de batalha nÃ£o perderam tempo em pegar os feridos e leva-los para dentro. Aparentemente a luta estava estÃ¡tica, os inimigos pareciam esperar o resultado da discussÃ£o na linha de frente para voltarem a atacar.

- DeverÃ-amos aproveitar a brecha nas defesas dele, Fergus.

- Boa ideia MacGuffin.

Estava tÃ£o concentrada em ter certeza que SoluÃ§o estava Ã salvo que mal percebeu a mudanÃ§a das tropas ao seu redor. Quando viu que elas avanÃ§avam, desesperou-se. Correu na frente dos lutadores e se postou nas costas de SoluÃ§o, arco pronto para atirar e mirando

firmemente no peito de seu pai.

- NÃƒO! VocÃªs nÃ£o vÃ£o ataca-lo! â€“ tinha a voz embargada e os olhos ligeiramente brilhantes.

Fergus a encarava com um misto de decepÃ§Ã£o e curiosidade. â€“ Merida, o que vocÃª pensa que estÃ¡ fazendo?

LanÃ§ou um tiro de aviso quando um outro combatente tentou se adiantar. NÃ£o deixaria que ninguÃ©m machucasse SoluÃ§o. NinguÃ©m.

- Rida, o que diabos vocÃª estÃ¡ fazendo aqui? â€“ SoluÃ§o a encarou com um sorriso de lado nos lÃ¡bios â€“ Isso tudo Ã© medo de me perder?

- Foi vocÃª quem disse, nÃ£o eu, viking. â€“ e sorriu pequeno, ainda concentrada nas forÃ§as escocesas â€“ Qual a brilhante ideia, SoluÃ§o? Conseguir abrir caminho na conversa?

- Era um bom plano... â€“ e voltaram a se defender das duas forÃ§as inimigas â€“ Mas estou aberto a sugestÃµes.

- Merida! Por que vocÃª o estÃ¡ protegendo?

Era a hora da verdade. Seriam capazes de impedir essa guerra? Ou ao menos o restante da matanÃ§a? LanÃ§ou um Ãºltimo olhar para SoluÃ§o e piscou um dos olhos.

- Porque eu o amo, pai. â€“ mais sentiu do que viu o choque que suas palavras tiveram nos dois lados da batalha â€“ SoluÃ§o estÃ¡ certo. Essa guerra nÃ£o tem sentido, somos mais parecidos do que imaginamos e eu estou disposta a tentar a paz. E vocÃª?

Fergus pareceu realmente atÃ´nito, tentando entender o que as palavras de Merida podiam significar. Mas enquanto os escoceses permaneciam parados, vikings se remexiam nÃ£o muito satisfeitos com o que viam. Era o seu "prÃ-ncipe" sendo defendida pela princesa do reino inimigo. Era SoluÃ§o lanÃ§ando um olhar apaixonado para a garota, com um sorriso imbecil no rosto.

- Ora, vamos lÃ¡. VocÃªs nÃ£o podem estar realmente cogitando depor armas? â€“ Astrid estava muito irritada. NÃ£o conseguia apenas assistir a declaraÃ§Ã£o de amor dos dois passivamente.

Stoick havia abaixado sua arma e encarava os dois garotos no centro do campo de batalha. Era a maior demonstraÃ§Ã£o de bravura que vira em muitos anos. E se lembrou do momento decisivo de quando passou a respeitar SoluÃ§o, nÃ£o apenas como um viking, mas como o seu filho. Ordenou que sua tropa baixasse as armas e encarou os olhos verdes do filho. â€“ Eu jÃ¡ estive errado antes e vocÃª nos mostrou a verdade, SoluÃ§o. Estou disposto a escutÃ¡-lo novamente.

E foi entÃ£o que Astrid perdeu o controle. Ordenou que Tempestade atacasse o casal, jÃ¡ nÃ£o se importando com quem seria ferido. Merida viu seu movimento e empurrou SoluÃ§o da frente dos espinhos lanÃ§ados.

- Isso Ã© mau, isso Ã© muito mau. â€“ Fergus encarou suas tropas e os mandou recuarem para dentro do castelo. â€“ Garoto! Saia daÃ-!

Banguela jÃ¡ atacava a loira e seu dragÃ£o, sendo auxiliado por outros dragÃµes e vikings. SoluÃ§o segurava Merida em seus braÃ§os, os olhos marejados. â€“ NÃ£o ouse me abandonar agora, DunBroch.

- SoluÃ§o... â€“ ela arfou, sentindo o urso tomando o seu corpo, a transformaÃ§Ã£o acontecendo e torcia para que ele a deixasse ali, que se escondesse e esperasse que o monstro a deixasse.

- Eu nÃ£o vou te deixar, Rida. â€“ soltou a garota que se transformava, tambÃ©m nÃ£o era suicida, nÃ£o Ã© mesmo? E permaneceu prÃ³ximo. Conversava tranquilamente com ela, torcendo para que seu tom de voz e as palavras calmantes tornassem a transformaÃ§Ã£o mais fÃ¡cil ou, talvez, menos agressiva.

- O que estÃ¡ acontecendo, filho? â€“ Stoick encarava a garota se transformando sem acreditar no que via. Seus homens ainda tinham as armas em mÃ£os e estavam dispostos a proteger SoluÃ§o.

- EstÃ¡ tudo bem, pai. NÃ£o Ã© nada de mais. â€“ levantou as mÃ£os para o urso marrom Ã sua frente. Era como conhecera Banguela tudo de novo. Se mostrasse que nÃ£o queria o mal da criatura, talvez tivesse alguma chance, certo? â€“ Ela sÃ³ estÃ¡ com medo e machucada, nÃ£o Ã©, Rida?

O urso urrou, os espinhos ainda presos em seu ombro. Rosnava e encarava os vikings, procurando um meio de fugir dali.

- _Isso_ Ã© a garota? â€“ Stoick deu um passo para a frente, o urso logo encarando e levantando-se para ataca-lo.

- NÃ£o Merida, aqui, preste atenÃ§Ã£o em mim. â€“ em momento algum SoluÃ§o deixou de sorrir ou mudou seu tom de voz. Entrou na frente do pai e continuou apenas observando a garota-urso, tentando mostrar que nÃ£o havia perigo.

Enquanto o rapaz continuava tentando encantar o animal enfurecido, os escoceses permaneceram observando a situaÃ§Ã£o. Aidan sorria de lado, com certeza ele era a melhor escolha para Merida.

O urso acompanhava cada movimento do rapaz, rosnando e, algumas vezes, atacando o chÃ£o na frente dele, porÃ©m nunca prÃ³ximo o suficiente para machuca-lo. Estava, de certa forma, tentando entender o que se passava Ã sua frente. E, pouco a pouco, a garota sentia-se mais calma, mais segura. Conseguindo manter a fera sob controle e acalmando seu coraÃ§Ã£o.

Era como se ambos, escocesa e viking, estivessem danÃ§ando, controlando a fera a cada fala, a cada passo. SoluÃ§o se aproximava vagarosamente do animal, atÃ© que pÃ´de tocar seu pelo macio, acariciar seu focinho e olhar no fundo dos olhos azuis de sua escocesa. Sorriu ao abraÃ§ar o pescoÃ§o do animal e senti-lo lentamente voltar a se tornar a sua Merida.

Fergus se aproximou com um tecido e o colocou sobre as costas do urso-menina. Nunca vira alguÃ©m conseguir alcanÃ§ar sua filha dentro do animal, nunca vira tanta coragem antes, ao menos nÃ£o em outra pessoa que nÃ£o Merida.

A garota escondeu o rosto no pescoÃ§o de SoluÃ§o e ele riu de leve.

â€“ Eu disse, Rida. Muito mais fÃ¡cil que um FÃºria da Noite.

E ela o empurrou de leve, um sorriso em seus lÃ¡bios. â€“ Obrigada.

-x-

**N/A: **OlÃ¡ queridos e queridas.

Eu sei, eu sei. Demorei sÃ©culos para postar esse capÃ-tulo (que ao meu ver nÃ£o ficou tÃ£o, mas sou sÃ³ uma autora perfeccionista que nÃ£o consegue passar as imagens para o papel com tanta maestria assim), contudo, cÃ¡ estou eu, postando!

AgradeÃ§o a paciÃªncia de todos que aguardaram por esse capÃ-tulo e espero que tenham gostado.

SIM! Eu sei que destruÃ- a personagem da Astrid. Pode nÃ£o parecer, mas eu realmente gosto dela, porÃ©m nÃ£o consegui imaginar uma forma de Hiccup e Merida ficarem juntos sem deturpar a personalidade dela. Sinto muito por isso.

E, quanto ao final, nÃ£o se preocupem. SÃ¡bado postarei um epÃ-logo curto que contarÃ¡ como foi o final da guerra e o que aconteceu depois. Tenham paciÃªncia, e, sim, ele estÃ¡ quase todo pronto, entÃ£o atÃ© lÃ¡ estarÃ¡ postado.

Obrigada por acompanharem atÃ© aqui, de verdade.

E, Bubs, espero que esteja do seu agrado. Te amo!

Beijos da Tifa!

8. EpÃ-logo

EpÃ-logo

A cerimÃ´nia envolvia as tradiÃ§Ãµes escocesas e vikings, houve muita gritaria, bebedeira, algumas brigas e enorme alegria para as duas facÃ§Ãµes que hÃ¡ apenas alguns dias tentavam destruir uma a outra.

Merida e SoluÃ§o se casaram, fundindo de vez os dois paÃ-ses, unindo suas histÃ³rias em uma sÃ³, trazendo a paz e a amizade entre seus conterrÃ¢neos. Na cerimÃ´nia nÃ£o havia vikings, nÃ£o havia escoceses. Havia apenas amigos comemorando a felicidade do casal.

Astrid perdeu o direito de ser uma treinadora de dragÃµes e foi condenada a permanecer na EscÃ³cia, vivendo no palÃ¡cio e aprendendo a controlar seu humor. O Ãºnico dragÃ£o que podia se aproximar era a si mesma.

Aidan voltou para casa, casou-se com sua garota e visitava Merida com frequÃªncia, afinal, a amiga nÃ£o se livraria tÃ£o facilmente dele assim. Sua amizade perpetuando-se mesmo com toda a distÃ¢ncia entre eles.

JÃ¡ o casal, o viking treinador de dragÃµes e a escocesa-urso... Eles

decidiram criar seu prÃ³prio reino. No meio do caminho entre Berk e a EscÃ³cia. LÃ¡ voavam em Banguela, cuidavam um do outro e se amavam. Sua histÃ³ria se tornando uma lenda entre seus conterrÃ¢neos.

-x-

**N/A: **Como prometido. Um pequeno epÃ-logo (que talvez mais irrite do que sacie a curiosidade de vocÃªs) sobre o que aconteceu no pÃ³s-guerra.

Era imprescindÃ-vel que Merida e SoluÃ§o ficassem juntos e deixassem as casas de seus pais para construir sua prÃ³pria vida. E foi o que eles fizeram.

NÃ£o me delonguei sobre o futuro dos 3 pretendentes da Rida, porque... na verdade eu sÃ³ em envolvi afetivamente com o Aidan (MEU pretendente gay, porque sim). EntÃ£o achei necessÃ¡rio informa-los que, sim, ele se casou com a namorada dele e estÃ¡ muito feliz obrigado.

Em relaÃ§Ã£o Ã Astrid... Devo dizer que a vontade de mata-la ao final da histÃ³ria foi muita, mas eu GOSTO dela. NÃ£o acho justo tÃª-la transformado no monstro que a tornei nessa fic. Na minha mente, ela acaba tornando-se muito amiga dos trigÃªmeos, talvez atÃ© tendo um relacionamento amoroso com um deles, ou com os trÃªs, nÃ£o sei... XD Astrid Ã© uma personagem muito foda para ser reduzida a uma garota invejosa e raivosa por perder seu homem. Sinto muito por isso, fÃ£s da Astrid, sei que nÃ£o fiz, nem de longe, uma boa adaptaÃ§Ã£o dela nessa fic.

NÃ£o quis me delongar muito, tambÃ©m, sobre o futuro, fim da guerra e casamento, porque nÃ£o estou em clima. PeÃ§o humildes desculpas por esse pÃ©ssimo final a todos os meus leitores (que, afinal, nem sÃ£o tantos assim, mas que cada um Ã© de infinita importÃ¢ncia no meu coraÃ§Ã£ozinho).

AgradeÃ§o, humildemente, a todos que acompanharam, aguardaram e nÃ£o desistiram dessa fic. Ela Ã© para vocÃªs, de verdade (e por isso peÃ§o desculpas, novamente. Esse final nÃ£o me agradou nem um pouquinho, mas enfim...).

Muito obrigada, Buba, por ter confiado esse casal fofo e, espero, que tenha ficado ao menos ligeiramente satisfeita com o final.

E Ã© isso.

Beijos da Tifa.

End
file.